COMBATE, PROXIMIDADE, MISSÃO

EDITADO POR

FONTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt

IMAGEM DA CAPA

o-combate-espiritual

SUMARIO

1. Escolhe a Vida

2. O caminho faz-se caminhando

3. Tudo é nosso e tudo é de Deus

4. Não ofendais o Espírito Santo

5. Não te deixarei partir, enquanto não me abençoares

6. Maior do que o teu coração

7. Ofereco a minha vida para a retomar depois

8. O vosso coracão há de alegrar-se

9. O manto e a sombra de jesus

10. Uma vida que se transmite

11. «Em casa e a caminho, deitado e levantado»: o plano de vida (I)

12. Edificar sobre rocha: o plano de vida espiritual (II)

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (1): «Escolhe a...

1 - ESCOLHE A VIDA

Primeiro capítulo de uma nova série sobre o caminho para a santidade, uma aventura em que se trata não só de «se dar», mas, sobretudo, de «acolher».

Como um príncipe. Assim se sentia aquele rapaz, apesar dos seus poucos anos e da sua roupa modesta e gasta, quando ao entrar na igreja se via envolvido pela música vibrante do órgão. «Tinha a impressão de que nos cumprimentava a mim e aos meus pequenos companheiros como se fôssemos príncipes», diria muitos anos mais tarde, recordando a sua infância em Canale d'Agordo, uma aldeia minúscula no nordeste de Itália. Nessa experiência infantil, Albino Luciani situava o início de «uma vaga intuição, que depois se converteria numa convicta certeza»: a Igreja católica «não é só algo grande, mas também torna grandes os pequenos»[1].

Escolhe a Vida

Estas palavras do Beato João Paulo I evocam naturalmente as de Santa Maria no *Magnificat*. Precisamente a palavra que abre o cântico da nossa Mãe significa tornar grande, cantar as grandezas de alguém. Maria enaltece Deus porque Ele torna grandes os pequenos. «Mostrou a força do seu braço e dispersou os soberbos no pensamento dos seus corações; derrubou os poderosos dos tronos, e exaltou os humildes; aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu sem nada» (Lc 1, 51-53).

Juntamente com este cântico de Maria, São Lucas transmitiu-nos também uma expansão do coração do Senhor que, de certo modo, poderíamos chamar o *Magnificat* de Jesus. Como a sua Mãe em Ain Karem, quando o levava no seu ventre, Jesus enche-se agora de «alegria no Espírito Santo», ao ver como Deus se voltou para os pequeninos: «Louvo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelar» (Lc 10, 21-22).

Mas, que foi dado descobrir aos pequeninos? Começando por Maria e José, e continuando pelos apóstolos e as mulheres que acompanhavam o Senhor, até tantos cristãos ao longo de vinte séculos, em que é que consiste essa revelação aos humildes? Que é que os torna grandes? Uma passagem do Deuteronómio pode guiar-nos para uma primeira resposta. O Senhor fala ao coração do seu povo, num tom simultaneamente solene e terno: «Repara que coloco hoje diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal (...). Tomo hoje por testemunhas contra vós o céu e a terra; ponho diante de vós a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe a vida para viveres, tu e a tua descendência, amando o Senhor, teu Deus, escutando a sua voz e apegando-te a Ele, porque Ele é a tua vida e prolongará os teus dias para habitares na terra, que o Senhor jurou que havia de dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacob» (Dt 30, 15.19-20).

O facto de estas palavras alternarem o «vós» e o «tu» parece querer mostrar-nos que o Senhor não fala simplesmente ao seu povo, em geral: está a falar a cada um e a cada uma, porque a escolha pela Vida decide-se no coração de cada uma das suas criaturas. «A Vida»: assim, com maiúscula, costumava escrever São Josemaria, quando se referia à graça e à glória; à Vida com Deus, aqui na terra, e depois no céu. Comove reler estas suas palavras do mês de junho de 1975, poucos dias antes de ir para o céu: «Todos somos a própria Vida de Cristo: e há tanto que fazer no mundo! Vamos pedir ao Senhor, sempre, que nos ajude a todos a ser fiéis, a continuar o trabalho, a viver essa Vida, com maiúscula, que é a única que merece a pena: a outra não vale a pena, a outra escorre, como a água entre as mãos, escapa-se. Pelo contrário, esta outra Vida!»[2].

«Escolhe a vida». Com essas palavras fortes do Deuteronómio, e os seus mil ecos no evangelho[3], o Senhor está a dizer a cada um: olha que eu te criei para que vivas, para que sejas feliz… Vais escolher-me, vais escolher a Vida? Isso foi o que descobriram e escolheram os «pequeninos»: sabem que toda a ânsia infinita de viver que levam dentro de si tem a sua fonte e o seu destino em Deus. E não querem outra coisa. Entenderam que triunfar na vida, *realizar-se* na vida, é deixar que o amor de Deus os inunde, e distribuí-lo a mãos-cheias. De Maria, a irmã de Marta, dirá o Senhor que «escolheu a parte boa», e que «não lhe será tirada» (Lc 10, 42). E aos seus discípulos reconfortará nesse mesmo sentido: «Não tenhas medo, pequenino

rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino» (Lc 12, 32). Os «pequeninos» vivem de Deus; é o que os torna grandes. E isso é a santidade: viver de Deus; e, a partir de Deus, para os outros.

Santidade é dar-se, mas é ainda mais «acolher»

Ao considerar a vida dos santos, os «pequeninos» que escolheram a Vida, não é estranho que nos seja apresentado com frequência em primeiro lugar o que a sua santidade implicou de renúncia, de luta, de «diminuição». É claro: o santo opõe-se necessariamente a muitas forças adversas. Jesus preparou-nos o caminho e adiantou-nos que isso sucederia: «No mundo tereis tribulações» (Jo 16, 33); «Se me perseguiram a mim, também vos perseguirão» (Jo 15, 20); «Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo» (Lc 22, 31). Não resta, em suma, margem para uma visão fácil da vida cristã; embora também não seja fácil qualquer outra forma de vida na terra: afinal, é sempre necessário o sacrifício, a renúncia, a luta por diversos fins, mais ou menos elevados.

«Entanto pelejamos – uma peleja que durará até à morte –, não excluas a possibilidade de que se levantem, violentos, os inimigos de fora e de dentro»[4]. E é que o amor a Deus encontra diferentes formas de resistência também em nós, porque implica «perder coisas»: uma pessoa renuncia a ter o controlo de tudo na sua vida, ou a satisfazer todos os seus desejos; expõe-se a perder talvez a aprovação de algumas pessoas, a tomar a sua cruz... «Quando nos abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele permita que saboreemos a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios»[5]. Perde certamente muitas coisas daquilo que o mundo chama «vida». No entanto, quem perde *assim* a sua vida não a perde no vazio, mas em Deus. «Aquele que quiser salvar a sua vida há de perdê-la, mas aquele que perder a sua vida por causa de mim há de encontrá-la» (Mt 16, 25). O santo «perde-se» em Deus, e assim, precisamente, começa a «encontrar-se».

E que significa «encontrar-se» em Deus? Escreve São João na sua primeira carta: «É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou» (1Jo 4, 10). A frase grega está escrita num tempo verbal particular, o aoristo, que é uma espécie de

«passado aberto». É o mesmo tempo que domina tanto o *Magnificat* de Maria como o de Jesus. O que se designa em todos estes casos são «ações que o Senhor realiza de modo permanente na história»[6], na história de cada um e de cada uma. De modo que São João não está a dizer que Deus me amou uma vez para sempre, mas que Deus *me está a amar sempre*. E que cada vez que eu amo realmente, é Deus quem me está a amar, e quem está a amar *em mim*. Aqui e agora.

Assim, é verdade que o santo se entrega, que «perde a sua vida», mas é ainda mais verdade – no sentido de que é uma verdade que abraça e fundamenta a anterior – que o santo «se encontra» em Deus, e «é acolhido» todo ele por Deus, analogamente a como Jesus é recebido inteiramente do Pai[7]. Essa é a fonte secreta do amor dos santos; isso é o que lhes permite viver de um modo que pode parecer impossível ou insuportável a um olhar meramente humano. Desse modo, mesmo sentindo diariamente todos os seus limites e debilidades, avançam com a alma «metida em Deus, endeusada»; neles «formou-se o cristão viajante sedento, que abre a boca às águas da fonte»[8].

Aos seus discípulos, que o olham perplexos, diz-lhes Jesus: «Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis» (Jo 4, 32). Ele vive de fazer a vontade do seu Pai: essa é a sua vida, essa é a sua glória; não necessita de mais nada (cf. Jo 4, 33-34). Só uns instantes antes, tinha estado a dizer à samaritana, junto ao poço: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: “Dá-me de beber”, tu é que lhe pedirias, e Ele dar-te-ia água-viva» (Jo 4, 10). O Senhor di-lo ao ouvido de cada um. Se conhecesses o dom de Deus, se te desses conta do que te quero dar, não seria eu quem te pediria uma gota de água; não seria eu quem pediria o teu tempo, a tua força, a tua paciência, a tua luta... Serias tu quem me pediria: Senhor, que necessitas? Já não medirias nem calcularias aquilo que dás a Deus, porque te darias conta de que é Ele quem se entrega a ti cada vez que tu lhe dás algo, ainda que seja uma pequena moeda, ainda que seja um copo de água... Cada vez é «todo um Deus»[9] que se entrega a ti.

Entende-se talvez melhor agora porque é que, ao pensar na santidade, falamos *também* de entrega, de renúncia: é porque existe uma resistência em nós. O mundo está ferido, as relações estão feridas, porque os corações

assim o estão... Mas esta resistência, apesar de ser real, tende a perder força na medida em que estamos unidos a Deus. O esforço por dar-se uma e outra vez não desaparece, mas funde-se com o dom que nós próprios nos sabemos, com o amor infinito que nos abraça. Os homens e as mulheres de Deus vivem num «misto paradoxal de beatitude e dor»[10], como Jesus na Cruz; sentem com uma certeza profunda que estão a receber mais do que dão: a sua alma «sente-se e sabe-se também olhada amorosamente por Deus, a toda a hora»[11]. Como Santa Maria, sabem que Deus está a fazer grandes coisas neles (cf. Lc 1, 49); que neles está a amar aquele que ama sempre primeiro, aquele que é a fonte do seu amor.

A santidade consiste por isso em última instância em entrar e permanecer nessa «corrente trinitária de amor»[12] que tem a sua origem no Pai, e que chega a nós através de Jesus, o *predileto*, o primeiro amado: «Assim como o Pai me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9). E esse amor do Pai e de Jesus no qual queremos permanecer é o Espírito Santo: por isso chamamo-lo santificador[13] e dador de vida[14]. «E os santos de Deus? Oh, cada um dos santos é uma obra-prima da graça do Espírito Santo!»[15].

Combate, proximidade, missão

Com estos poucos compassos ficam traçados os ritmos principais da série que agora começa. Os capítulos que a compõem oferecem diferentes perspetivas acerca desse caminho para a santidade no qual Deus nos quer a todos, cada um à sua maneira: «pela direita, pela esquerda, em ziguezague, a pé, a cavalo»[16]… Os eixos da série resumem-se em três palavras, que definem também as linhas mestras do Pai nosso: combate, proximidade, missão. Apesar dos três fundamentos atravessarem a série do início ao fim, porque estão sempre presentes no caminho para Deus, faz sentido deter-se uns instantes no porquê desta ordem; sobretudo se temos em conta que, neste caminho, o fundamental é o amor que Ele nos tem.

Não parece necessário insistir como é ingénuo pensar que seja possível viver de Deus sem encontrar resistência, em nós e fora de nós. Apesar de este não ser o motor secreto do caminho para a santidade, nem muitas vezes

o seu ponto de partida, a luta não tarda em apresentar-se: «Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a provação. Endireita o teu coração e sê constante, não te perturbes no tempo do infortúnio» (Sir 2, 1-2). A provação, a tentação, o combate… são inevitáveis num mundo ferido pelo pecado. «O reino dos Céus sofre de violência, e os violentos apoderam-se dele» (Mt 11, 12). Começar a reflexão desta perspetiva permite ir ao encontro de uma visão demasiado cândida e bondosa do caminho para o céu. No entanto, seria também ingénuo e superficial pensar que a santidade consista sobretudo nessa luta. A santidade consiste em viver de Deus, em deixar que Ele viva em mim (cf. Gl 2, 20).

«Deus está junto de nós continuamente (…). E está como um pai amoroso – quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos –, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdoando»[17]. Esta proximidade, pela qual nos sabemos escutados na oração e em todo o momento, é manifestada por Deus também através dos nossos irmãos na fé: a amizade, o acompanhamento espiritual, os sacramentos... Um cristão sabe-se sempre acompanhado de perto, por Deus e pelos seus irmãos; sabe-se sempre em casa. E é isso que por sua vez o aproxima dos outros, para lhes dar também esse calor de lar que ele recebe continuamente. Assim o viveu, como tantos outros, a Beata Guadalupe: «A certeza que tinha da proximidade de Deus, do seu amor por ela, enchia-a de simplicidade e serenidade e fazia-a não ter medo dos seus erros e dos seus defeitos, e ir sempre para a frente procurando querer em tudo a Deus e aos outros»[18].

O caminho para a santidade não é, portanto, um caminho solitário, nem tão pouco um projeto de salvação individualista. Tudo na vida de um cristão tem a ver com relação, família. O Senhor, os nossos irmãos, os nossos filhos, os nossos pais, os nossos amigos, os nossos colegas… são a razão de ser dos nossos esforços, das nossas vitórias. Se não fosse por eles talvez deixássemos de lutar, talvez nos renderíamos… Mas sabemos que, tal como podemos contar com o seu apoio, eles contam connosco; em suma, que precisam de nós: «Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por essa

missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar»[19]. Assim viveram os santos: de Deus e para Deus; dos outros e para os outros.

* * *

Quando São Josemaria pensava no destino da nossa viagem, imaginava o momento em que «toda a Grandeza de Deus, toda a Sabedoria de Deus e toda a Formosura de Deus, toda a vibração, toda a cor, toda a harmonia!» seriam derramados sobre esse «vaso de barro que somos cada um de nós»[20]. E punha-se de lado, imaginando os seus filhos ainda mais acima: «Tenho uma grande fraqueza: que vos amo muito. Penso que o meu Céu vai consistir em esgueirar-me por uma pequena porta e pôr-me num canto, olhando e amando a Trindade Beatíssima. E desse lugar, escondido, ver no paraíso as minhas filhas e os meus filhos lá no alto, muito próximos de Deus»[21].

Carlos Ayxelà

NOTAS

[1] Albino Luciani (Beato João Paulo I), «*In occasione del restauro dell'organo della chiesa di Canale d'Agordo*», em *Opera Omnia*, Vol. 9, EMP, Pádua 1989, p. 457.

[2] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 07/06/1975, citado em Salvador Bernal, *Monseñor Josemaría Escrivá de Balaguer. Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*; Rialp, Madrid 1980, 6ª ed., p. 174. Cf. também p. ex. *Caminho*, n. 218, 255, 399, 737; *Sulco*, n. 817; *Forja*, n. 777, 818.

[3] Trata-se em particular de um dos fios condutores do Evangelho de São João. Cf. p. ex. os diálogos com a Samaritana (Jo 4, 10-14) e com Marta (Jo 11, 25-27); cf. também Jo 5, 39-40; 7, 37-39; 10, 10.

[4] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 214.

[5] *Ibid.*, n. 301.

[6] Bento XVI, Audiência, 15/02/2006.

[7] cf. Lc 10, 22; Jo 5, 26; 17, 24; Sl 2, 7.

[8] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 310.

[9] *Idib.*, n. 111.

[10] São João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, n. 27.

[11] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 307.

[12] *Ibid*., *Cristo que passa*, n. 85.

[13] cf. *Catecismo da Igreja católica*, n. 739.

[14] cf. *Missal Romano*, Credo Niceno-Constantinopolitano; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 202.

[15] São João XXIII, Discurso, 05/06/1960.

[16] São Josemaria, citado em A. Sastre, *Tempo de caminhar*, Diel, Lisboa 1994, p. 252.

[17] *Ibid*. *Caminho*, n. 267.

[18] Fernando Ocáriz, «*Guadalupe: un camino al cielo en la vida cotidiana*», *ABC*, 13/05/2019.

[19] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 273.

[20] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 20/10/1968, citado em Ana Sastre, *Tempo de caminhar*, p. 631.

[21] *Ibid*., 05/04/1970, citado em *ibid*.

Sumário

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (2): «O caminho faz-...

2 - O CAMINHO FAZ-SE CAMINHANDO

Para um cristão, o céu está sempre ao virar da esquina: a vida é, simultaneamente, viagem e destino.

«A vida é uma viagem, não um destino»: assim consta numa das citações mais populares que circulam pela internet[1]. Basta uma simples pesquisa destas palavras para encontrar uma infinidade de imagens e *posters* para todos os gostos: paisagens idílicas com um caminho ou uma estrada serpenteando, uma menina que balança no seu baloiço, composições gráficas com estilo *vintage*... Mas, que significa realmente que a vida é uma viagem e não um destino? Talvez estejamos simplesmente diante de um cliché, uma frase que triunfa porque permite relativizar os próprios erros, ou porque parece dizer que o que interessa é viver e não tanto como se vive ou para quê? Viagem e destino opõem-se, afinal de contas? O destino, concretamente o destino da vida, não está em jogo em cada instante da viagem?

Estas perguntas requerem, evidentemente, uma aproximação serena. Vejamos de entrada como o lema em questão inspira a vida das pessoas comuns. No mundo do *running*, por exemplo, a ideia de privilegiar a viagem sobre o destino tem grande popularidade. Sucede que os corredores, sobretudo os principiantes, começam com objetivos ambiciosos, em termos de distâncias a percorrer, forma física a adquirir ou peso a perder. E não é difícil imaginar que a maioria das vezes não conseguem cumprir essas metas tão facilmente como esperavam. Assim descrevia a sua vivência um corredor:

«Dia após dia fracassava no meu objetivo. Dia após dia tornava-se mais evidente que não era feito para correr. Cada corrida confrontava-me brutalmente com os factos: continuava sem chegar ao nível. No entanto, o que não tinha entendido sobre este desporto era o mesmo que já tinha bem assumido nas minhas viagens: o fundamental é desfrutar do trajeto. [...] Dei-me conta de que cada corrida é um presente. Cada corrida é uma oportunidade de estar onde se quer estar. Com esta revelação, a minha forma de correr mudou. Deixei de negar a alegria que sentia. Deixei de

acumular dias de fracasso. Comecei a viver mais “no momento”, vendo cada corrida como uma oportunidade para apreciar o que tinha diante de mim»[2].

Este corredor estava a começar a aprender uma lição importante que qualquer um de nós pode aplicar à viagem da vida. Pela fé, sabemos que o nosso destino se joga no decurso de todos os momentos da viagem, porque a vocação cristã é chamada a viver inteiramente de Deus e para Deus, já no nosso caminho pela história, e depois no céu, quando finalmente Ele for «tudo em todos» (1Cor 15, 28). São Josemaria dizia por isso que «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»[3].

No entanto, essa união pacífica entre percurso e destino não é fácil de alcançar. Poderia dizer-se que, de facto, é a obra de toda uma vida. E a vida é simultaneamente breve e longa. Como àquele corredor, às vezes pode suceder-nos que, ao lançar o olhar para a meta e depois virar-nos para trás, para onde estamos agora, desanimemos: a visão da distância que nos falta percorrer poderia então até bloquear-nos ou fazer-nos desesperar com a viagem. Mas Jesus preveniu-nos já desta tentação: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema» (Mt 6, 33-34). Quando o Reino de Deus – ou seja, a vocação à santidade – se converte no mais importante, cada passo é uma oportunidade de estar *onde se quer estar* e *com quem se quer estar*. Deste ponto de vista, o céu está sempre ao virar da esquina: a vida vai sendo, simultaneamente, viagem e destino.

Vamos, por isso, considerar alguns aspetos da nossa viagem para o céu. Em primeiro lugar, a certeza de que não viajamos sozinhos: temos Deus como amigo e companheiro de viagem. Em segundo lugar, a necessidade de evitar o desânimo, aprendendo a dar a volta aos nossos limites e aos nossos pecados. Finalmente, a convicção de que viver no presente é a melhor maneira de encontrar a felicidade nesta terra e também no céu.

Caminha humildemente com o teu Deus

No Antigo Testamento, o breve livro de Miqueias está cheio de profecias de castigo. Através do seu profeta, Deus repreende os samaritanos pela sua idolatria; censura o seu povo pelo culto externo, vazio; e também antecipa, pela primeira vez, a queda de Jerusalém. Mas isso não é tudo: a sua mensagem é também anúncio de esperança e de salvação. A missão de Miqueias não consiste apenas em condenar o mal, mas também em recordar ao povo que Deus está muito próximo: «Já te foi revelado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor requer de ti: nada mais do que praticares a justiça, amares a lealdade e andares humildemente diante do teu Deus» (Mq 6, 8).

O Espírito Santo – porque é Quem fala através dos profetas – não nos diz que caminhemos *para* Deus, como se estivesse longe, esperando-nos no final de um longo caminho. Diz-nos que caminhemos *com Ele*. Ele acompanha-nos em tudo e interessa-se por tudo: o que pensamos, o que vemos, o que dizemos, o que desejamos: «Jesus Cristo que é Deus, que é Homem, entende-me e atende-me, porque é meu Irmão e meu Amigo»[4].

Caminhar com Deus significa percorrer com Ele todos os acontecimentos, grandes e pequenos, da minha vida; falar de tudo com Ele, escutá-l'O em todo o momento; estar disposto a que me possa pedir coisas que não espero, ou a que me leve por caminhos que não imaginava. Quem caminha com um amigo está disposto a falar e a escutar. Assim caminhavam os discípulos de Emaús, apesar de não saberem até que ponto aquele desconhecido que os escutava com tanta atenção e lhes falava com tanta força era o seu Irmão e o seu Amigo. Não o sabiam, mas estavam a caminhar com Deus, e Deus estava a abrir-lhes horizontes insuspeitados (Lc 24, 13-35). «Senhor, que grande és Tu sempre! Mas comoves-me quando Te rebaixas para nos acompanhares, para nos procurares na nossa lida diária. Senhor, concede-nos a ingenuidade de espírito, o olhar limpo, a mente clara, que permitem entender-Te, quando vens sem nenhum sinal externo da Tua glória»[5].

Deus quer, além disso, que caminhemos com ele *humildemente*. Que significa isto? Sugere-nos Ele próprio numa das orações mais breves do saltério: «Senhor, o meu coração não é orgulhoso, nem os meus olhos são altivos. Não corro atrás de grandezas ou de coisas superiores a mim. Estou sossegado e tranquilo. Como criança saciada ao colo da mãe; a minha alma

é como uma criança saciada» (Sl 131, 1-2). Caminhar humildemente com Deus significa trabalhar sem aspirar a resultados ou êxitos que não dependem de mim, e que talvez não me correspondam; estar contente com o que tenho, com o que Deus me dá, com o que a vida me apresenta. E viver isso… intensamente. O paradoxo é que, se caminhamos humildemente com Deus, de facto faremos coisas muito maiores do que acreditávamos. «Não viste os fulgores do olhar de Jesus quando a pobre viúva deixou no Templo a sua pequena esmola? – Dá-Lhe tu o que puderes dar»[6].

Dá a volta aos teus defeitos

«A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens», escreve o Papa. «Pretendê-lo seria confiar demasiado em nós próprios»[7]. A fragilidade, as dificuldades, os equívocos, fazem claramente parte do caminho da vida. Admitir esta realidade não significa render-se ou resignar-se a pecar; trata-se simplesmente aceitar os nossos limites e os nossos tempos, e também os da realidade.

Mas o nosso orgulho não aceita tal coisa. O diabo também o sabe, e não se limita a tentar-nos para nos afastar de Deus: quando nos consegue seduzir, tenta ainda «fazer lenha da árvore caída»; serve-se dos nossos pecados ou da nossa fragilidade para nos desanimar, porque sabe que esse é um método eficaz para nos fazer abandonar a viagem. Por isso necessitamos de aprender a dar a volta às nossas quedas e misérias; ou seja, a tirar proveito e experiência delas. Isto pode parecer estranho, mas é um dos princípios mais importantes e fundamentais do crescimento na vida interior. Assim o entenderam desde há séculos os mestres de espiritualidade.

Há pessoas, escreve um deles, a quem «sucede habitualmente surpreenderem-se com as suas faltas, inquietarem-se, envergonharem-se; zangam-se consigo próprias e acabam por desanimar. São outros tantos efeitos do amor próprio, efeitos muito mais prejudiciais do que as próprias faltas»[8]. A última frase é surpreendente. A vergonha, a inquietação e o desânimo em que nos podemos deixar cair ao ver os nossos limites faz-nos muito mal. Empurra-nos para longe de Deus, e predispõe-nos para o

pecado, que ironicamente é o que nos tinha desanimado em primeiro lugar. Trata-se, afinal, de um círculo vicioso que nos impede de nos reconciliarmos com Deus, de O olhar de frente e dizer-Lhe que estamos arrependidos e que queremos o Seu perdão.

Por vezes, o que nos pode acontecer é que não nos perdoemos a nós próprios. Apaixonamo-nos talvez mais pela nossa ideia de perfeição o que por Deus, e então falta-nos a humildade para recomeçar. «Nunca deves desanimar-te, por muitas vezes que caias; deves dizer a ti próprio: "Mesmo que caia vinte vezes, cem vezes ao dia, levantar-me-ei de novo, e seguirei o meu caminho". Que importará, depois de tudo, que tenhas caído no caminho, se chegas ao final? Deus não te vai culpar»[9]. O mais importante, portanto, é retomar o caminho voltando para Deus todas as vezes que for necessário. A contrição perante os nossos pecados pode converter-se num trampolim que nos impulsione novamente para Deus: «Que os tropeços e derrotas não nos afastem, nunca mais d' Ele. Como a criança débil se lança compungida nos braços vigorosos do seu pai, tu e eu agarrar-nos-emos ao jugo de Jesus. Só essa contrição e essa humildade transformarão a nossa fraqueza humana em fortaleza divina»[10].

Vive o presente

A única maneira de percorrer o nosso caminho é fazê-lo passo a passo. Ninguém sobe a uma montanha de um pulo, e menos ainda se se tratar de um cume a grande altitude: às vezes será necessária uma boa temporada de treino e de aclimatação; e necessitaremos de fazer etapas, acampar, recuperar forças com o conforto de um equipamento bem escolhido, enquanto desfrutamos da conversa e da paisagem, variável em cada etapa. Em suma, precisamos de nos concentrar na nossa realidade mais imediata ou, dito de outro modo, viver no presente.

Viver no presente significa reconhecer o momento atual como o único no qual posso receber a graça de Deus e cumprir a Sua vontade. O inimigo também sabe isto demasiado bem, de modo que vai tentar afastar-nos o mais possível do nosso *aqui e agora*, angustiando-nos com um passado que nos dececiona ou com um futuro que nos inquieta; ou fazendo com que nos percamos em imaginações do que podia ter sido, ou o do que poderia ser. E

se conseguir algo de tudo isto, então já está a conseguir arrefecer o nosso amor, porque o amor só se conjuga no presente[11].

Viver no presente não quer dizer ignorar o passado e o futuro, mas colocá-los no seu lugar. Estar em paz com o passado, reconciliados com Deus e com os outros... e também connosco próprios, pela aceitação de quem somos e de quem chegámos a ser. E estar em paz com o futuro, porque, apesar de Deus contar e vibrar com os nossos planos e projetos, quer-nos serenos. *In manibus tuis tempora mea*, diz outro salmo. Nas tuas mãos está o meu tempo, as minhas coisas (cf. Sl 31, 15). «Nas Tuas mãos abandono o passado e o presente e o futuro…»[12], podemos rezar com São Josemaria. A aceitação e o abandono criam o clima necessário para viver o presente com serenidade e com intensidade.

A confiança no nosso Pai Deus leva-nos «a caminhar pela vida com a agilidade dos filhos de Deus, a raciocinar e decidir com a liberdade de filhos de Deus, a enfrentar a dor e o sofrimento com serenidade de filhos de Deus, a apreciar as coisas belas como um filho de Deus o faz»[13]. Ter a agilidade de um filho de Deus é viver centrado no aqui e no agora, atento a fazer o que Ele quer de mim: trabalhar, descansar, rezar, consolar, rir... Há «um momento para tudo» (Ecl 3, 1), e o melhor modo de acertar é viver cada momento com o Senhor: «tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai» (Cl 3, 17). Se cultivarmos este diálogo constante com Deus, identificaremos mais facilmente aquilo que nos distrai e nos desvia do caminho: momentos de evasão no telefone ou na nossa imaginação, pensamentos obscuros, desorganização, «mística do oxalá»[14]… Assim poderemos voltar mais facilmente a esse caminho experimentado e verdadeiro para a santidade, que consiste em fazer o que devo e estar no que faço[15].

Viver o presente permite-nos agradecer o que temos e, por isso mesmo, desfrutar da vida. De novo, «a felicidade no Céu é para os que sabem ser felizes na terra»[16]. A felicidade vem da consciência de que sou amado aqui e agora pelo meu Pai Deus e de que Ele me cumula de presentes em cada dia. Estar demasiado preocupados pelos nossos fracassos no passado ou pelos perigos do futuro incapacita-nos para perceber as coisas que nos são dadas no momento presente. Por isso é muito bom que dediquemos

tempo em cada dia, na nossa oração, talvez no nosso exame de consciência, à gratidão. Como é que Deus me amou hoje? Que coisas concretas posso agradecer-Lhe?

Persevera até ao final

«Pela vossa constância é que sereis salvos», diz-nos Jesus (Lc 21, 19). Chegar ao final do caminho é vital. Todos sonhamos em chegar a dizer como São Paulo: «Combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel» (2Tm 4, 7). Consegui-lo-emos conservando a fé hoje, agora mesmo. Uma pessoa poderia sentir-se facilmente oprimida perante a perspetiva de ser fiel durante dez, vinte, quarenta, oitenta anos. Como posso estar seguro da minha fidelidade num caminho tão longo? Na realidade, não se trata de estar seguro de que não me afastarei de Deus durante as próximas décadas; trata-se de ser fiel a Nosso Senhor *hoje*, com a graça que Ele nos dá neste momento. É vivendo assim que percorreremos o caminho da vida até ao seu termo.

Nós, os cristãos, reconhecemos que «a vida é uma viagem, não um destino» como algo óbvio. Sabemos que a nossa vida não termina aqui e que, portanto, estes anos na terra não são o destino. E, ao mesmo tempo, sabemos que a nossa verdadeira vida, o nosso destino, já está aqui, em cada instante: a nossa vida está «escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). Por isso, necessitamos que «a cabeça toque o céu, mas que os pés assentem na terra, com segurança»[17]; necessitamos que se faça a Sua vontade «na terra como no céu». E então, assim, faremos «caminho ao andar»[18]: cada passo que dermos fará o nosso caminho e o nosso destino.

John Paul Mitchell

NOTAS

[1] A citação costuma ser atribuída a Ralph Waldo Emerson, apesar de não existir uma referência escrita que o ateste.

[2] John Bingham, «Enjoy Your Journey» www.runnersworld.com.

[3] São Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[4] *Ibid*., *Forja*, n. 182.

[5] *Ibid*., *Amigos de Deus*, n. 313.

[6] *Ibid*., *Caminho*, n. 829.

[7] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 50.

[8] Jean-Nicolas Grou, *Manuel des âmes intérieures*, Lieja, 1851, p. 159. «O pior dos casos é que, como observa São Francisco de Sales, às vezes desanimamos e zangamo-nos por nos termos zangado, impacientamo-nos por nos termos impacientado. Que desastre! Não teríamos de ver nisso orgulho em estado puro?» (p. 160).

[9] *Ibid*., p. 160s.

[10] São Josemaria, *Via-Sacra*, VII estação.

[11] cf. C. S. Lewis, *Vorazmente teu*, cap. 15 (Ed. Grifo). No original: *The Screwtape Letters – Letters form a senior to a junior devil* de C. S. Lewis.

[12] São Josemaria, *Via-Sacra*, VII estação, n. 3.

[13] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 3.

[14] cf. São Josemaria,*Entrevistas a São Josemaria*, n. 88, 116.

[15] cf. *Ibid*., *Caminho*, n. 815.

[16] *Ibid*., *Forja*, n. 1005.

[17] *Ibid*., *Amigos de Deus*, n. 75.

[18] «Caminante, no hay camino; se hace camino al andar» (A. Machado, *Campos de Castilla*, «Proverbios y cantares», XXIX. São Josemaria cita este verso na *Carta* 6, n. 75). (N.T. Utiliza-se a versão portuguesa mais aceite deste verso do autor)

Sumário

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (3): Tudo é nosso...

3 - TUDO É NOSSO E TUDO É DE DEUS

Qualquer desporto requer esforço, mas gera um espaço de fruição e abre novas possibilidades. O mesmo acontece com a vida cristã: no meio do combate e da luta, é possível desfrutar com o Senhor, crescendo e enfrentando novos reptos com Ele.

«Agora sois nova criatura e estais revestido de Cristo. Esta veste branca seja para vós símbolo da dignidade cristã. Ajudado pela palavra e o exemplo da tua família, conservai-a imaculada até à vida eterna»[1]. Desde há muito tempo que existe na Igreja a tradição de vestir de branco os novos batizados, para expressar visivelmente a alegria de se tornarem uma coisa com Cristo, de deixar que Ele viva em nós[2]. A essa realidade precisa respondem também o nome e o próprio gesto do batismo: *baptizein* significa submergir, porque por este sacramento entramos na vida da Trindade, como uma esponja que entra na água e, sem deixar de ser ela própria, se torna uma coisa com esse novo meio. Produz-se assim «uma impregnação do ser de Deus e do nosso ser, um estar imerso no Deus Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, do mesmo modo como no matrimónio, por exemplo, duas pessoas se tornam uma só carne, se tornam uma nova e única realidade, com um novo e único nome»[3]. A partir desse momento, cuidar desta vida nova converte-se numa tarefa diária, que requer um combate espiritual constante, como assinala a Escritura: «Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a provação. Endireita o teu coração, e sê constante, não te perturbes no tempo do infortúnio. Conserva-te unido a Ele e não te separes, para teres bom êxito no teu momento derradeiro» (Sir 2, 1-3).

Ponto de partida: Deus ama-nos sem condições

No nosso batismo, Deus disse-nos para sempre que nos ama tal como somos, aconteça o que acontecer. Esta convicção é o ponto de partida no itinerário interior; sem ela, estaríamos a correr pelo caminho errado, porque nesta corrida não se trata de merecer nada por nós próprios, nem de demostrar nada a ninguém, mas de viver livremente, desfrutando do amor

de Deus. «Nós conhecemos e acreditámos no amor que Deus nos tem», escreve São João (1Jo 4, 16). E que necessário é «deixar que estas verdades da nossa fé nos vão penetrando na alma, até transformarem toda a nossa vida. Deus ama-nos!»[4].

Ao mesmo tempo, a graça de Deus não substitui o uso inteligente e perseverante das nossas forças: «A nossa santificação pessoal é um dom de Deus, embora o homem não possa permanecer passivo»[5]. É verdade que, pela graça, a nossa vida tem um valor que excede as nossas possibilidades, mas a graça não se substitui à natureza: necessita de trabalhar… bailar! com ela. Poder-se-ia dizer que na nossa vida tudo é nosso e, ao mesmo tempo, tudo é de Deus. «Sobre a continuidade dos pequenos acontecimentos quotidianos, agradáveis ou penosos, previstos ou imprevistos, corre a série paralela das graças atuais, que em cada instante nos são oferecidas. (…) Pouco a pouco entre Ele e nós estabelecer-se-á uma conversa quase ininterrupta que será a verdadeira vida interior»[6].

Assim sendo, resultaria redutor descrever essa vida que se desenvolve no coração do homem só com palavras como “luta” ou “combate”. Aquilo que, na perspetiva das resistências que encontramos dentro e fora de nós, surge como um combate, numa visão mais ampla pode descrever-se como atividade e movimento, como dinamismo e crescimento. Estes aspetos do crescimento de qualquer ser humano – que incluem a luta contra as ameaças ou as asperezas do ambiente como momentos desse próprio crescimento – expressam melhor a riqueza da vida espiritual.

Olhar a paisagem, não apenas o chão

Os alpinistas e os ciclistas de alta montanha sabem como é necessária a concentração no esforço e a dosagem das energias; daí que muitas vezes avancem olhando quase unicamente para o chão. Contudo, seria uma pena que essa concentração os impedisse de gozar do panorama que se abre à sua volta à medida que avançam. No combate espiritual, pode ocorrer-nos algo de semelhante: que nos fixemos demasiado no mal que queremos superar, ou que só vejamos o custo que exige conseguir algum bem. Por isso é sempre bom levantar o olhar para não perder de vista tudo o que estamos a ganhar no caminho.

«Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem» (Rm 12, 21), escreve São Paulo num versículo que São Josemaria às vezes resumia assim: «afogar o mal em abundância de bem»[7]. O combate cristão não consiste tanto numa luta *contra* os pecados, mas num esforço *por* alimentar essa vida que nos foi entregue desde o nosso batismo. Por exemplo, se numa ocasião deixamos o melhor para os outros, podemos ver esta conquista como uma luta contra o egoísmo, ou como um exercício para não nos apegarmos a certas coisas; mas, melhor ainda, podemos vê-lo como uma luta *para* dilatar o coração, *para* crescer em amor, em generosidade, em desprendimento, etc. E isto não por um desejo individual de perfeição, mas porque, a partir do coração de Cristo, queremos viver para os outros.

Estas duas diferentes maneiras de abordar o combate cristão estão unidas também a dois modos de formular os propósitos de melhoria. Neste sentido, em vez de nos propormos "não voltar a fazer algo", pode ser muito mais enriquecedor levantar o olhar, contemplar o horizonte, e afirmar o que queremos mesmo fazer. *In omnibus respice finem*, diz um adágio clássico: "em todas as coisas olha para o fim"; ou, numa formulação mais atual, "começa com o porquê". Para viver com os olhos na meta é necessário muitas vezes distanciar-se da situação concreta, tomar tempo para refletir, para partilhar as nossas impressões com Deus. Então veremos melhor: dar-nos-emos conta de que não está em jogo apenas um propósito imediato, uma pequena batalha concreta, mas a nossa abertura à graça de Deus, a que Deus faça de nós outro Jesus, *alter Christus*.

Lutar é já amar

«Meus filhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e com verdade» (1Jo 3, 18). Ninguém se sente verdadeiramente querido quando o amor, afirmado com todo o tipo de declarações e promessas, é desmentido depois através dos factos. Por isso, com cada uma das nossas decisões respondemos àquela pergunta de Jesus a Pedro: «Simão, filho de João, amas-me?» (Jo 21, 16). A vida cristã – escrevia o prelado do Opus Dei – é «uma resposta livre, cheia de iniciativa e disponibilidade, a esta pergunta do Senhor»[8]. Cada momento em que nos sobrepomos ao nosso egoísmo, cada esforço por crescer em tal ou tal virtude que nos permitirá servir melhor; cada vez que escolhemos a

humildade perante o nosso desejo de nos afirmarmos contra os outros, estamos a dizer sem palavras a Deus: quero-te mais.

«Este é o nosso destino na terra: lutar, por Amor, até ao último instante», escreveu São Josemaria uma vez, fazendo o balanço ao terminar o ano[9]. Lutar por amor é muito mais do que simplesmente acrescentar à luta, de fora, um motivo de amor: «Enquanto falavas com o Senhor na tua oração, compreendeste com maior clareza que luta é sinónimo de Amor, e pediste-Lhe um Amor maior»[10]. O combate espiritual é mais necessário do que a vitória porque «enquanto há luta, luta ascética, há vida interior. Isso é o que o Senhor nos pede: a vontade de querer amá-l'O com obras, nas coisas pequenas de cada dia»[11]. E o que converte a luta em amor é a finalidade do combate: porque luto e para quem luto. Estas respostas moldam o próprio combate; convertem-se na própria base do seu desenvolvimento.

Ao ler as vidas de santos, é possível conseguir imaginar o combate espiritual como a luta de uns heróis que se esforçam até ao limite, enfrentando tarefas difíceis, que exigem uma grande força interior, uma valentia fora do normal. O santo apareceria assim como «uma espécie de "ginasta" da santidade, que realiza uns exercícios inacessíveis para as pessoas normais»[12]. No entanto, esta impressão não capta o essencial do segredo dos santos; o que conta no final – e em cada momento do caminho – é o amor, a caridade, que vem de Deus. «Inclusive o martírio recebe a sua grandeza não de um ato de fortaleza, mas principalmente de uma heroica ação de maravilhosa caridade. Os três séculos de perseguição da primitiva Igreja foram certamente tempos de valor, de heroica fortaleza, mas ainda foram mais de ardente amor de Deus»[13].

Às vezes, um excessivo desejo de segurança pode levar-nos a uma abordagem quantitativa da luta, pela qual mediríamos os nossos progressos, como quem enfrenta um plano de treino personalizado para melhorar a forma física. Certamente, é importante fazer propósitos de melhoria, superar-se em muitos aspetos, sacrificar coisas, mas tudo isso não é necessariamente um sinal do progresso que se pretende assegurar. A santidade, dizia São Josemaria, «não consiste em fazer coisas cada dia mais difíceis, mas em fazê-las cada dia com mais amor»[14]. O que dá frutos

espirituais não é fazer coisas árduas, mas responder com amor a esse primeiro amor que Deus nos tem; santidade não significa que uma pessoa «faz coisas grandes por si mesma, mas que na sua vida aparecem realidades que ela não fez, porque apenas esteve disponível para deixar que Deus atuasse»[15]. Por isso, porque tudo se inicia no querer gratuito de Deus, que nos deu o dom do batismo e da vida cristã em nós, podemos compreender o que nos diz a Sagrada Escritura: a santidade «não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso» (Rm 9, 16).

Saber que toda a obra de santidade se inicia com um impulso divino, que é Deus quem iniciou a sua obra e é Ele próprio quem a levará a termo: isso é o que marca a nossa compreensão da batalha espiritual. Nós não "ganhamos pontos" perante Deus, de modo que mereçamos o seu amor: Ele dá-se-nos continuamente, aconteça o que acontecer. «A Igreja ensinou repetidamente que não somos justificados pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa (…). A sua amizade supera-nos infinitamente, não pode ser comprada por nós com as nossas obras e só pode ser um dom da sua iniciativa de amor (…). Esta verdade, tal como o supremo mandamento do amor, deveria caracterizar o nosso estilo de vida, porque bebe do coração do Evangelho e convida-nos não só a aceitá-la com a mente, mas também a transformá-la numa alegria contagiosa»[16].

Como um desporto

Por onde é melhor «começar e recomeçar»[17]? Em que frente concreta da alma se inicia esta luta? A resposta mudará para cada pessoa, mas uma boa pista pode ser detetar qual é o nosso defeito mais recorrente, tendo em conta que costuma tratar-se de algo que tem íntima relação com o nosso modo de ser. Por exemplo, se somos muito fortes de temperamento, este modo de ser poderia com frequência degenerar em formas bruscas; ou se a nossa característica pessoal é a amabilidade, o principal defeito poderia ser a brandura ou a pusilanimidade. O combate focar-se-á em excluir, primeiro, tudo o que seja contrário ao amor de Deus – ou seja, o pecado mortal –, depois aquelas coisas que impedem que o nosso coração se abra para o Senhor e para os outros – ou seja, os pecados veniais – e, finalmente e

sempre, também as faltas de amor, a mediocridade. Todo um programa de vida que São Nicolau de Flüe condensou nuns poucos versos: «Meu Senhor e meu Deus, afasta de mim tudo o que me afasta de ti. Meu Senhor e meu Deus, dá-me tudo o que me aproxime de ti. Meu Senhor e meu Deus, livra-me de mim próprio, para me dar inteiramente a ti»[18].

São Josemaria gostava de comparar esta luta com o desporto: «A luta ascética não é algo negativo nem, portanto, odioso, mas afirmação alegre. É um desporto»[19]. Qualquer desporto requer esforço, mas gera um espaço de gozo: pela interação com outros, pelas novas vivências, pela alegria de superar-se... Do mesmo modo, com um pouco de treino podemos começar a *divertir-nos* com o Senhor no meio da luta espiritual. Assim, veremos nas dificuldades objetivas não apenas obstáculos, mas também oportunidades para o crescimento da nossa vida em Deus. Se aceitarmos as dificuldades como um desafio, incomodar-nos-ão muito menos. Mudará também o modo como olhamos para os que nos rodeiam, sobretudo aqueles com quem talvez temos menor afinidade: «Não digas: essa pessoa aborrece-me. – Pensa: essa pessoa santifica-me»[20].

Um fator importante no treino desportivo é a constância. Não se conseguem grandes vitórias num só dia. Às vezes são precisas muitas tentativas. «O desportista insiste, o bom desportista passa muito tempo a treinar-se, a preparar-se. Se se trata de saltar, tenta-o uma e outra vez»[21]. Os passos pequenos, com tenacidade e perseverança, conduzem finalmente ao sucesso. Neste sentido, costuma ser mais eficaz fazer propósitos pequenos e concretos, para os viver com constância, do que fazer grandes propósitos que muitas vezes deixaremos por cumprir. Além disso, nas batalhas da alma é necessário contar com o tempo, começar e recomeçar, refazer os propósitos com humildade e criatividade, todas as vezes que for necessário. Uma resposta de amor realiza-se discretamente ao longo de toda a vida.

Como no desporto, na vida espiritual também as derrotas formam parte do jogo. Mas, assim como há «mais alegria no céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão» (Lc 15, 7), podemos pensar que com cada uma das nossas pequenas vitórias, ou com cada um dos nossos “recomeços”, o Senhor

alegra-se mais do que com tudo o que já nos corre bem. Apesar de nos faltar sempre muito por fazer, não deveríamos deixar de continuar depois de uma vitória. As vitórias saboreiam-se: cada passo em frente é um momento para dar graças a Deus, para ganhar novas forças. Também não podemos esquecer de que não estamos sós na nossa luta. Como os atletas, temos pessoas à nossa volta, colocadas por Deus, que nos ajudam a treinar-nos e a superar-nos. Podemos contar com os nossos irmãos e irmãs na fé, com a sua oração e com o seu apoio; com o de quem nos precedeu e nos ajuda no céu; com o do nosso anjo da guarda e o de Santa Maria.

Maria Schörghuber

NOTAS

[1] Ritual da celebração do batismo de crianças.

[2] cf. Rm 13, 14; Gl 2, 20.

[3] Bento XVI, *Lectio Divina*, 11/06/2012.

[4] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.

[5] *Ibid.*, n. 176.

[6] Reginald Garrigou-Lagrange, *Las tres edades de la vida interior*, Tomo I, p. 184ss.

[7] São Josemaria, *Sulco*, n. 864.

[8] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 5.

[9] São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 83.

[10] *Ibid.*, *Sulco*, n. 158.

[11] *Ibid.*, *Via Sacra*, III estação.

[12] Joseph Ratzinger, “*Deixemos que Deus faça maravilhas*” (tradução do original em *L’Osservatore Romano*, 06/10/2002; disponível em www.opusdei.org).

[13] Reginald Garrigou-Lagrange, *Las tres edades de la vida interior*, Tomo I, p. 167.

[14] São Josemaria, Apontamentos da pregação (AGP, P10, n. 25), cit. por E. Burkhart e J. López, *Vida Cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. II, p. 295.

[15] Joseph Ratzinger, “*Deixemos que Deus faça maravilhas*”.

[16] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 52, 54, 55.

[17] São Josemaria costumava falar assim da vida interior; cf. por exemplo *Caminho*, n. 292; *Forja*, n. 384; *Cristo que passa*, n. 114.

[18] Esta oração pode ser encontrada, por exemplo, integrada na que pronunciou São João Paulo II diante do túmulo do santo, a 14/06/1984. São Josemaria rezava com palavras semelhantes: «Afasta, Senhor, de mim o que me afaste de Ti!» (cf. Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madrid, 2003, vol. 3, p. 462).

[19] São Josemaria, *Forja*, n. 169.

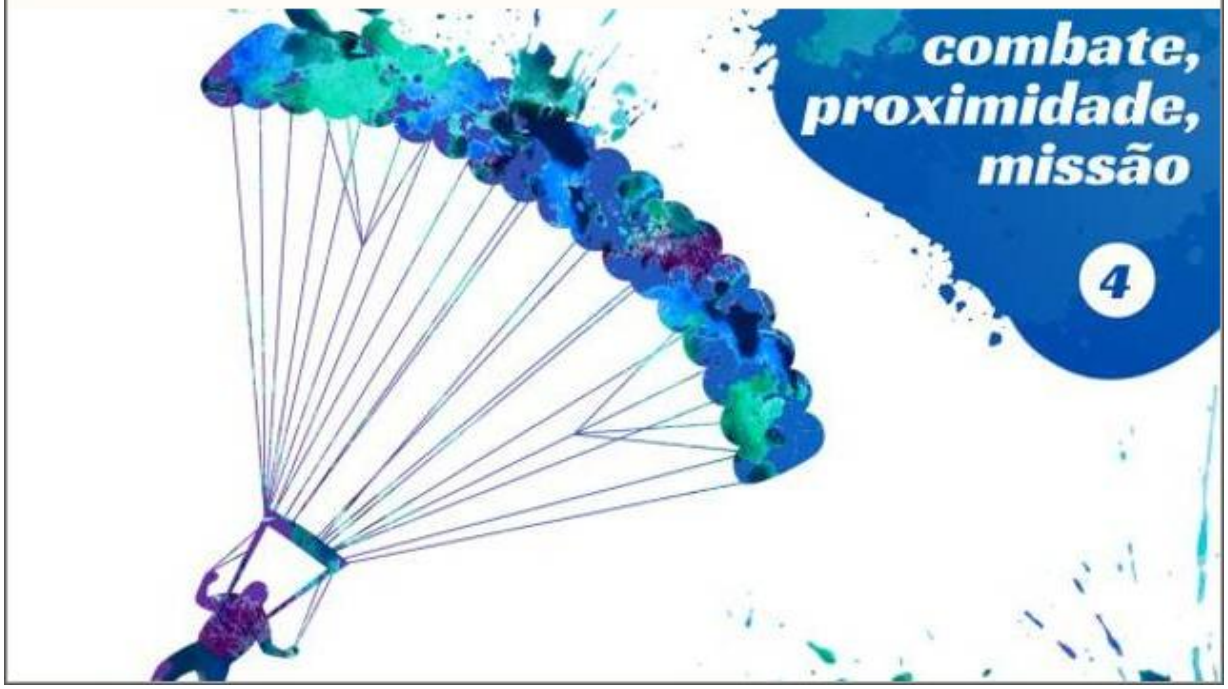
[20] *Ibid*., *Caminho*, n. 174.

[21] *Ibid*., *Em diálogo com o Senhor*, n. 32.

Sumário

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (4): «Não ofendais...



4 - «NÃO OFENDAIS O ESPÍRITO SANTO»: A TIBIEZA

A tibieza é uma doença do coração, pela qual não gostamos das coisas de Deus e chegamos inclusive a convencer-nos que a vida, a verdadeira vida, está noutro lugar.

É uma das primeiras e mais célebres teofanias que encontramos na Bíblia. O anjo do Senhor aparece a Moisés no monte Horeb como uma grande chama de fogo no meio de uma sarça. «Moisés olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada. Moisés disse: "Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça"» (Ex 3, 2-3). Deus é Amor, uma chama de amor sempre nova, que não se esgota com o passar do tempo, para deixar atrás de si somente um pauzinho fumegante. O seu amor arde eternamente, dando calor e luz a quem se deixa abraçar por ele. Por isso, Deus disse a Moisés: «Eu sou aquele que sou» (Ex 3, 14). Ele é Amor, um amor fiel, e sempre vivo. E, ao criar-nos à sua imagem (cf. Gn 1, 27), destinou-nos a um amor como este: o nosso coração não é capaz de viver com menos. O nosso amor só pode ser um amor ardente, que se renova e cresce com o decorrer do tempo.

Talvez alguma vez tenhamos tido a experiência de regressar a uma casa onde tínhamos vivido há algum tempo: um lugar onde tínhamos amado, onde tínhamos dado e recebido carinho. Agora encontramo-la vazia e abandonada, talvez até em ruínas. Atravessa-nos no coração um lancinante sentimento de nostalgia, ao pensar como fomos felizes ali. Algo assim acontece quando os nossos amores arrefecem e se apagam. Dão pena. Um amor cheio de calor, que continha uma promessa eterna de alegria, um amor que era tudo…, e que, no entanto, se converteu em cinzas. Que pena! Expressava-o bem um famoso escritor: «Que terrível é quando uma pessoa diz: "amo-te" e da outra parte a pessoa grita: "O quê?"»[1]. A tibieza é assim, um amor muito bonito na sua origem, um amor que antes alegrava o coração e enchia de luz a nossa vida, mas que se foi consumindo até quase se apagar: um amor que não resistiu ao passar do tempo.

Uma morte em câmara lenta

Para arrefecer, é necessário ter estado antes aceso, enamorado. Por isso a tibieza não é um risco para quem acaba de entregar o coração: o seu amor é ainda demasiado elementar, demasiado ingénuo. A tibieza é pelo contrário um perigo real para qualquer amor que está há algum tempo aceso. Não consiste numa morte repentina, mas numa doença que avança quase impercetivelmente: uma morte em câmara lenta, como a chamada «morte branca» dos alpinistas, mistura fatídica de frio e cansaço, na qual o corpo perde paulatinamente a sua reatividade e acaba por se entregar a um sono doce mas letal.

A reflexão sobre a tibieza surge desde muito cedo na história da Igreja. Nos séculos III e IV, Orígenes e Evágrio Pôntico falavam da *acédia*, um estado de desânimo e de preguiça da alma que não se apresenta nas primeiras horas do dia que é a vida, mas quando o sol já percorreu um bom troço e brilha alto no céu. Por isso, inspirando-se no salmo 91, falavam do «demónio do meio-dia»[2]. Acédia (*akedia*) significa, literalmente, descuido, desleixo. Apesar de com o tempo alguns autores a distinguirem da tibieza (*tepiditas*), ambos os termos definem o mesmo panorama espiritual: um «arrefecimento da caridade, que se converte em abandono e preguiça»[3], um desleixo que põe em risco a entrega, porque «*ipsa caritas vacare non potest*; o amor não pode estar ocioso»[4], não pode ir de férias.

O beato Álvaro escreveu uma vez umas linhas especialmente enérgicas sobre o perigoso avanço da tibieza: «Com um olhar apagado para o bem e outro mais penetrante para o que lisonjeia o próprio eu, a vontade tíbia acumula na alma resíduos e podridão de egoísmo e de soberba que, ao sedimentar, produzem um progressivo sabor carnal em todo o comportamento. Se não se combater esse mal, ganham força, cada vez com mais volume, os anseios mais infelizes, manchados por esses sedimentos de tibieza: e surge o desejo de compensações; a irritabilidade perante a mais pequena exigência ou sacrifício; as queixas por motivos banais; a conversa insubstancial ou muito centrada em si mesmo (...). Aparecem as faltas de mortificação e de sobriedade; despertam-se os sentidos com ataques violentos, diminui a caridade, e perde-se a vibração apostólica para falar de Deus com garra»[5].

É o itinerário da tibieza. Pouco a pouco vai entrando na alma uma tristeza que ensombrece tudo: o que antes nos enchia o coração já não nos diz nada, e começamos a pensar de forma mundana. A tibieza produz uma distorção dos sentidos da alma, pela qual as coisas de Deus nos aborrecem; e chegamos inclusive a convencer-nos de que a vida, a verdadeira vida, está noutro lado. Com a sua própria experiência, escrevia Santo Agostinho: «não surpreende que para o paladar doente seja uma tortura até mesmo o pão, que é bom para o saudável, e que para os olhos doentes seja odiosa a luz, que para os puros é agradável»[6].

Como se chega a esse estado? Como é que um amor vibrante pode arrefecer assim? Poder-se-ia dizer que na sua origem existe um desencanto com a vida, talvez devido a certas deceções e dificuldades, pelas quais se perdeu a ingenuidade e o fervor dos primeiros passos. Esse ponto de mudança pode passar relativamente despercebido, mas plasma-se na alma. Começamos a reduzir o tempo para Deus, porque o plano de vida é visto como uma acumulação de obrigações; deixamos de sonhar e de nos esforçarmos pela missão apostólica, talvez devido à hostilidade do ambiente, ou pelo desânimo ao ver poucos frutos. «Todos sabemos, por experiência, que às vezes uma tarefa não nos dá as satisfações que desejaríamos, os frutos são escassos e as mudanças são lentas, e vem-nos a tentação de se dar por cansado. Todavia, não é a mesma coisa quando alguém, por cansaço, baixa momentaneamente os braços e quando os baixa definitivamente dominado por um descontentamento crónico, por uma acédia que lhe mirra a alma»[7]. Esse tipo de descontentamento faz com que, pouco a pouco, o coração arrefeça «pelo abandono, pela apatia, pela relutância na hora de examinar diariamente a própria conduta: hoje deixamos isto; amanhã, não damos importância àquilo, omitimos sem motivo uma mortificação, escapa-se-nos uma falta de sinceridade..., e vamo-nos habituando a essas coisas que desagradam a Deus, sem as converter, mediante o exame, em matéria de luta. Assim se empreende o caminho que conduz à tibieza, não o esqueceis. Pelas fissuras desse exame negligente entra o frio que acaba por gelar a alma»[8].

Deus chama à porta do nosso coração

Nos primeiros compassos do Apocalipse há umas frases muito célebres, que podem surpreender pela sua dureza: «Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Quem dera que fosses frio ou quente. Mas porque és morno – e não és frio nem quente – estou prestes a vomitar-te da minha boca» (Ap 3, 15-16). As frases seguintes, talvez menos conhecidas, ajudam a entender o que Deus quer dizer com essas palavras duras. «Pois dizes: "Sou rico! Enriqueci e não preciso de nada"; e, no entanto, tu não sabes que és infeliz e miserável, pobre, cego e nu» (3, 17-18). A acumulação de qualificativos, que poderia dar a impressão de uma crueldade para com o tíbio, permite-nos na realidade olhar para o coração de Deus. O Senhor fala-lhe com firmeza para o ajudar a compreender a sua situação, tão parecida à daquele homem da parábola do Evangelho que, depois de uma boa colheita, dizia: «Alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos: descansa, come, bebe e regala-te» (Lc 12, 19). O seu erro é que acumula para si em vez de ser «rico diante de Deus» (12, 21). Não percebe que está virado sobre si mesmo, e que assim vai direto à ruína.

Às palavras duras do Apocalipse sucedem-se outras cheias de cuidado paternal, que mostram como Deus não só não desespera de nós, como faz todos os possíveis para nos mudar o coração: «Aconselho-te a que de mim compres ouro refinado pelo fogo para que possas ser rico, vestes brancas para que te vistas e não se manifeste a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos e assim poderes ver. Eu repreendo e educo aqueles de quem sou amigo: sê, pois, zeloso e converte-te. Eis que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo» (Ap 3, 18-20). O Senhor quer tirar-nos desse estado lamentável; chama à porta da nossa alma, porque quer que voltemos à intimidade com ele… mas precisa que façamos a nossa parte, que ponhamos os meios para acender de novo o nosso amor.

Para prevenir e para curar a tibieza

«Agarrai-nos as raposas, essas raposas pequenas que destroem as vinhas; e as nossas vinhas estão em flor» (Ct 2, 15). A tibieza coalha na alma quando se perde a delicadeza com Deus, quando a confiança se converte em desleixo. É verdade, não podemos oferecer ao Senhor uma perfeição imaculada, mas podemos ser delicados e atentos com Ele. E desta

delicadeza forma parte também a contrição, quando nos damos conta de que o tratámos mal, ou de que nos faltou carinho. Por isso é preciso estarmos atentos às pequenas coisas, e despertar a contrição pelas nossas resistências ao amor, como são por exemplo omitir ou atrasar um tempo de oração por ativismo, chegar tarde ao jantar, privilegiar as nossas coisas, adiar um serviço por preguiça, fazer má cara a uma pessoa… Os atos de contrição, também por estas coisas, inflamam a alma: permitem-nos recomeçar. «Sim, recomeçar. Eu – imagino que tu também – recomeço em cada dia, em cada hora, cada vez que faço um ato de contrição, recomeço»[9].

Referimo-nos antes à necessidade de cuidar a atitude de exame, que supõe uma atitude sincera com Deus e connosco próprios[10]. Daí surge por sua vez a sinceridade com aqueles que nos acompanham no nosso caminho para Deus; uma sinceridade cheia de docilidade, para deixar que nos exijam, e assim manter vivo o nosso amor. «A sinceridade e a tibieza são inimigos, e excluem-se. Por isso, quem é sincero, encontra a força de lutar e de sair do caminho perigosíssimo da tibieza»[11].

O nosso amor a Deus também se mantém jovem e se renova partilhando-o com os outros. «Quando uma brasa não incendeia, é sinal de que está a arrefecer, de que já quase tudo é cinza»[12], dizia São Josemaria numa ocasião. Com efeito, quando o coração não vibra com o desejo de que outros se possam aproximar de Deus e inclusive percorrer o nosso caminho, é que talvez nós tenhamos adormecido numa curva. Remédio para despertar: «Esquece-te de ti mesmo… Que a tua ambição seja a de não viver mais do que para os teus irmãos, para as almas, para a Igreja; numa palavra, para Deus»[13].

A magnanimidade é também um grande antídoto contra a tibieza: dedicar o melhor, o mais precioso da nossa vida, ao Senhor. Conta-nos São João que, estando Jesus em Betânia, Maria «tomou uma libra de bálsamo de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e, com os seus cabelos, secou-lhe os pés. A casa encheu-se do odor do bálsamo» (Jo 12, 1-3). O melhor perfume, o nosso maior tesouro, o nosso melhor tempo, deve ser para o Senhor. É um sintoma errado, pelo contrário, que surjam em nós críticas como a de Judas, a quem tudo lhe parecia demasiado para Jesus: «Por que razão não se vendeu esse bálsamo por trezentos denários e se deu

aos pobres?» (Jo 12, 5). Judas de facto acabaria por vender o Mestre ao preço de um escravo… (cf. Mt 26, 15). Os pequenos ou não tão pequenos sacrifícios, derrotas, mortificações, inflamam-nos por dentro e afastam a tibieza. Recordam ao nosso coração que, mesmo com toda a sua fragilidade, é capaz de um amor grande: «Faz-me de neve, Senhor, / para os gozos humanos, / de argila para as tuas mãos, / de fogo para o teu amor»[14].

Todos estos remédios poder-se-iam resumir com umas palavras comoventes de São Paulo: «não ofendais o Espírito Santo de Deus» (cf. Ef 4, 30). O Espírito Santo, que não descansa no seu empenho por formar Jesus em nós, necessita da nossa prontidão e da nossa docilidade às suas inspirações. Debaixo das suas asas, a nossa vida adquirirá esse sentido de missão que, desmarcando-se do cálculo e da mediocridade da tibieza, pode enchê-la de aventura: «Quem escolheu configurar com Jesus toda a existência já não escolhe os próprios locais, mas vai para onde é enviado; pronto a responder a quem o chama, já não escolhe sequer os tempos próprios. A casa onde habita não lhe pertence, porque a Igreja e o mundo são os espaços abertos da sua missão. O seu tesouro é colocar o Senhor no meio da vida, sem nada mais procurar para si (…). Feliz no Senhor, não se contenta com uma vida medíocre, mas arde em desejo de dar testemunho e alcançar aos outros; gosta de arriscar e sair, não forçado por sendas já traçadas, mas aberto e fiel às rotas indicadas pelo Espírito: contrário a deixar correr a vida, alegra-se por evangelizar»[15].

* * *

Na vida da nossa Mãe não há mistura de tibieza. Se o fogo que faz arder a sarça simboliza a presença de Deus, o arbusto representa a pessoa de Maria Santíssima, que brilha sem se consumir pela presença do Espírito Santo, Fogo do Amor divino: «Estavas em brasa como o arbusto que foi mostrado a Moisés, e não ardias. Fundias-te e não te consumias (…). Fundida no fogo, recuperavas forças desse mesmo fogo, permanecendo sempre ardente»[16]. A ela lhe pedimos que nos ajude a manter também sempre ardente o amor de Deus; que o amor a Santa Maria inflame o nosso coração «em lume vivo».

José Brage Tuñón

NOTAS

[1] J. D. Salinger, *Levantad, carpinteros, la viga del tejado*, Edhasa, Barcelona, 1986, p. 80.

[2] cf. E. Boland, «Tiédeur», *Dictionnaire de Spiritualité*, vol. 15, c. 918 ; cf. Sl 91, 6: «Não temerás o terror na noite, nem a seta que voa de dia. Não temerás a peste que alastra nas trevas, nem o flagelo que devasta em pleno dia».

[3] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelio*.

[4] Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos* 31, 5.

[5] Beato Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 09/01/1980, n. 31 (*Cartas de Família* II, n. 275; AGP, biblioteca, P17).

[6] Santo Agostinho, *Confesiones* 7, 16.22.

[7] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 277.

[8] Beato Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 08/12/1976, n. 8 (*Cartas de Família* II, n. 116; AGP, biblioteca, P17).

[9] São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 12.

[10] cf. São Josemaria, *Carta* 1, n. 34.

[11] São Josemaria, *Instrucción* 8-XII-1941, nota 122.

[12] São Josemaria, palavras recolhidas em *Crónica*, 1973, pp. 640-641 (AGP, biblioteca, P01).

[13] São. Josemaria, *Sulco*, n. 630.

[14] Ernestina. de Champourcin, *Presencia a oscuras*, Rialp, Madrid, 1952, p. 21.

[15] Francisco, *Homilia*, 30/07/2016.

[16] cf. Santo Amadeo de Lausanne, *Homilías marianas* (Sources Chrétiennes, 72), III, 313-317.

Sumário

opusdei.org

«Não te deixarei partir, enquanto não...

combate, proximidade, missão

5

5 - «NÃO TE DEIXAREI PARTIR, ENQUANTO NÃO ME ABENÇOARES»: A ORAÇÃO CONTEMPLATIVA

Quinto artigo da série "Combate, proximidade, missão". Entrar em caminhos de contemplação significa tomar consciência de que precisamos de Deus, de que precisamos de "lutar" com Ele. E pedir-Lhe, uma e outra vez, a sua bênção: não Te deixo partir, enquanto não me abençoares.

Numa noite de Natal, enquanto celebrava a Santa Missa e tinha nas suas mãos a hóstia consagrada, São João Maria Vianney emocionou-se. Sorria, chorava, prolongava esses momentos sem tirar os olhos de Jesus. «Parecia que Lhe falava; depois, as lágrimas voltavam e, de novo, o sorriso», conta o Irmão Atanásio, que o observava com atenção. No final da celebração, perguntou-lhe o que tinha acontecido nesses momentos. O Cura d'Ars respondeu com simplicidade: «Tinha-me ocorrido uma ideia curiosa. Dizia a Nosso Senhor: "Se eu soubesse que ia ter a desgraça de não Te ver durante toda a eternidade, agora, que Te tenho nas minhas mãos, não Te largaria"»[1].

«Encontrei aquele que o meu coração ama. Abracei-o e não o largarei», como diz a esposa do *Cântico dos Cânticos* (Ct 3, 4). São ecos das súplicas que Jacob dirigia ao desconhecido com quem tinha lutado toda a noite, enquanto se preparava para se encontrar com o seu irmão Esaú. «Ficou para trás sozinho. Então um homem lutou com ele até ao romper da aurora e, ao ver que não podia dominá-lo, atingiu-lhe a articulação da coxa, de modo que o tendão da coxa de Jacob se deslocou, enquanto lutava com ele. O homem disse-lhe: "Deixa-me ir, que já raiou a aurora". Mas Jacob respondeu-lhe: "Não te deixarei, enquanto não me abençoares". O homem perguntou-lhe: "Qual é o teu nome?"». O patriarca responde desarmado: «Jacob». E a personagem misteriosa: «Já não te chamarás Jacob, mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens e saíste vencedor». Jacob, dando-se conta da sua vulnerabilidade – porque disse o seu nome, mas não sabe o do seu opositor – pede ainda: «Rogo-te que me reveles o teu nome». E responde Deus: «"Porque queres saber o meu nome?". E abençoou-o. Jacob deu àquele lugar o nome de Penuel, 'porque – disse ele – vi a Deus

face a face e a minha vida foi salva'. Já nascia o sol, quando Jacob atravessou Penuel; e manquejava de uma coxa» (Gn 32, 25-32).

Diz-me alguma coisa, Jesus, diz-me alguma coisa

Cada vez que nos recolhemos para fazer um tempo de oração, e concretamente de oração contemplativa, entramos numa espécie de combate: «um corpo a corpo simbólico não com um Deus adversário, inimigo, mas com o Senhor que abençoa, que permanece sempre misterioso, que parece inalcançável. Por isso, o autor sagrado utiliza o símbolo da luta, que implica força de espírito, perseverança e tenacidade para alcançar aquilo que se deseja»[2]. A oração contemplativa é «o *olhar* da fé, fixado em Jesus»[3]; um olhar que O procura, que não cessa de o fazer, que não O larga até que nos abençoe, isto é, até que ilumine, com a luz do seu olhar, «os olhos do nosso coração»[4].

Que procuramos no seu olhar? Os traços do seu rosto, os seus sentimentos, a sua paz, o fogo do seu coração. E, se nesses momentos de serenidade não nos é concedido o encontro que desejamos, estamos prontos a perseverar até que isso aconteça. «Não se faz contemplação quando se tem tempo; ao invés, arranja-se tempo para estar com o Senhor, com a firme determinação de não Lho retirar»[5]. A contemplação é «um *dom*, uma graça, que só pode ser acolhida na humildade e na pobreza»[6]. Precisamente por isso, Deus precisa da nossa perseverança, precisa que Lhe digamos: aqui Te tenho e aqui me tens... Não saio daqui, não vou a lado nenhum. «Diz-me alguma coisa, Jesus, diz-me alguma coisa», como São Josemaria repetia por vezes na sua oração[7].

Personalizar

A misteriosa personagem que lutou com Jacob não tinha sido convocada. Apresentou-se por sua própria iniciativa. E assim continua a ser agora: é Deus que vem ao nosso encontro, porque «tem sede de que o homem tenha sede d'Ele»[8]. É surpreendente, mas esta sede «brota das profundezas de Deus»[9]: é tão grande e misteriosa como o amor que O levou a criar cada um e cada uma de nós.

Da nossa parte, temos simplesmente de nos pôr a pé firme diante d'Ele. O lugar do encontro não é apenas o âmbito dos afetos, nem sequer a imaginação ou a razão, mas o coração, «no mais profundo das nossas tendências psíquicas»[10]. Trata-se de estar lá, de estar na sua presença, de permanecer no seu amor (cf. Jo 15, 9). Não embarcámos numa simples operação psicológica, nem num mero esforço de concentração para alcançar um vazio mental: não estamos a lutar contra o ar... A nossa contemplação tem a estrutura da fé cristã: é «um diálogo pessoal, íntimo e profundo entre o homem e Deus»[11].

Não vamos, pois, lutar contra os visitantes inoportunos que chegam precisamente nesse momento. Em vez de tentar afugentá-los, o melhor método é, pura e simplesmente, ignorá-los. A sós com Cristo, tomando consciência de que Ele está totalmente voltado para mim e convidando-me a que também eu esteja totalmente disponível para Ele. Para o nosso *opositor*, não há minutos em branco; não tira os olhos de nós nem por um instante. Nós, sim, podemos afastar-nos, dar meia volta e abandoná-l'O. Mas perderíamos a sua bênção.

Jacob não tira os olhos d'Aquele com quem luta. Tem de se manter atento, sem desviar o contacto visual, sem perder a direção do seu coração. Olhar para o ecrã do telemóvel? Não; cortar-se-ia o âmbito do contacto interior. As distrações que vemos chegar, como tantas vezes acontece com todo o tipo de questões organizacionais, ou a curiosidade pelo que se passa à nossa volta? Não. E também não os pensamentos centrados em se estar à altura ou ser capaz, que podem ser um retorno subtil sobre nós próprios. Toda a nossa vida está centrada em Alguém, na «Pessoa de Jesus Cristo, a quem desejamos conhecer, com quem queremos ganhar intimidade e desejamos amar»; e pô-l'O «no centro da nossa vida significa meter-se mais na oração contemplativa»[12]. A exigência é radical e cada vez mais abrangente. Deus abençoa quem luta pelo dom da contemplação, antecipação do dom da vida eterna, que já desde agora começamos a saborear. «A oração, que começou com essa ingenuidade pueril, desenvolve-se agora em canal largo, manso e seguro, porque acompanha a nossa amizade com Aquele que afirmou: "Eu sou o caminho"»[13].

«A contemplação procura “Aquele que o meu coração ama” (Ct 1, 7) que é Jesus»[14]. Alguém como eu, a quem posso tratar ao meu nível, porque Ele mesmo me chamou amigo (cf. Jo 15, 15). A oração contemplativa não o será verdadeiramente enquanto não houver personalização. «Para nos aproximarmos de Deus, temos de empreender o caminho certo, que é a Humanidade Santíssima de Cristo»[15]. Jesus é a ponte que, através do corpóreo, nos leva ao divino. Essa «luta» corpo a corpo pressupõe um encontro de olhares, de sorrisos, de rostos e, sobretudo, de corações. Trata-se de nos apropriarmos do sentir do coração de Jesus, de aprender «o “conhecimento íntimo do Senhor” para mais O amar e seguir»[16]. Como é que Ele se sente hoje comigo? Encontra harmonia, sintonia? Advirto e assumo as Suas alegrias e as Suas penas?

Na escuridão e nas provações

O combate trava-se de noite. É na noite que se move a fé: não temos outro meio para o encontro face a face. A nossa busca verifica-se na obscuridade, «na fé pura, esta fé que nos faz nascer d’Ele e viver n’Ele»[17]. Nem o sentimento – se vem, bem-vindo; se vai, bem-ido –, nem sequer a razão pura, porque não estamos a fazer acrobacias mentais. O que acendemos é a fé numa pessoa viva que deseja o encontro. Na fé, não temos o imediatismo dos sentidos nem a clareza dos silogismos; caminhamos na penumbra até que chegue o momento da visão. Mas a obscuridade da fé permite-nos ver mais longe. De dia, o nosso olhar alcança algumas dezenas de quilómetros: detém-se no azul da atmosfera. Mas de noite vemos as estrelas, a milhões de anos-luz de distância. A fé descobre-nos mundos novos.

O combate contemplativo pressupõe também enfrentar o desânimo, a secura, o cansaço da fé, inclusive a tristeza de não nos entregarmos totalmente ao Senhor porque temos muitos bens (cf. Mc 10, 22); ou uma rebeldia interior contra a lógica de Deus, que às vezes nos parecerá tão diferente da nossa; ou mesmo a sugestão de que aquilo não é para nós, que não temos essa sensibilidade... Não estarei a cavalgar numa fantasia? Aonde vamos com isto? Não será uma abordagem demasiado mística? Neste momento, Jacob poderia ter deixado de lutar. De facto, não terá tido as suas hesitações enquanto lutava? Certamente que sim, mas continuou. É preciso

ir em frente com determinação e com alma de criança, sabendo que andamos por um caminho de amor, um caminho de confiança e de abandono.

Se a oração de meditação considera os meios, a contemplação considera o fim. Estamos com quem queríamos estar. Não consideramos agora as virtudes, nem os propósitos, nem as lutas... De tudo isso tratamos na meditação. O nosso tempo, o vazio do nosso tempo, é agora preenchido com a sua simples presença. Acende-se a esperança, o entusiasmo, a antecipação do céu. A medida do nosso céu será a medida do nosso desejo: a sede de Deus, a «ânsia de compreender as suas lágrimas, de ver o seu sorriso, o seu rosto...»[18]. E é com este desejo, cheio de paz, que percorremos a vida quando entramos nos caminhos da contemplação: «Vivemos então como cativos, como prisioneiros. Enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do nosso ofício, a alma anseia escapar-se. Vai até Deus como o ferro atraído pela força do íman»[19].

Jacob teve de caminhar longas jornadas até ao lugar onde Deus o encontraria. Aí não tinha acompanhantes: diz-nos a Bíblia que este episódio ocorre quando ele ficou sozinho. Também não tinha bagagem: acabara de passar tudo o que tinha para a outra margem (cf. Gn 32, 24-25). E é necessária «a noite», no sentido em que o intercâmbio pede recolhimento. Nesse momento, Jacob «já não domina a situação, a sua astúcia não serve para nada, já não é o estratega nem o homem calculista (...). Pela primeira vez, Jacob nada mais tem a apresentar a Deus a não ser a sua fragilidade e impotência, também os seus pecados»[20]. Deus vem procurá-lo quando ele está sem defesas e livre de outras coisas que o distraiam. Porque, para contemplar, necessitamos da liberdade e da abertura do coração: nada mais que a perceção da nossa pequenez e o desejo do encontro. Aquele por quem esperamos não Se apresentará se tivermos o coração ocupado. Nenhuma das nossas ânsias deve ser maior que a de estar com Ele.

Não te deixarei partir, enquanto não me abençoares

«Abençoa-me». O patriarca não se contenta com menos. Tem o seu Senhor agarrado, cativo. Mas, em que consiste essa bênção? Jacob tem a

alegria de ver Deus, e a sua alegria aumenta quando se apercebe de que, apesar de O ter visto, continua com vida. A bênção é a contemplação do rosto de Deus, que nos enche da Sua paz, da Sua alegria, da Sua misericórdia. Não poderemos consegui-lo por um ato da nossa vontade, mas abrindo o nosso coração aos dons do Espírito Santo. «Toda a nossa vida é como esta longa noite de luta e de oração, que deve ser consumida no desejo e na busca de uma bênção de Deus, a qual não pode ser arrebatada nem vencida contando apenas com as nossas forças, mas deve ser recebida d'Ele com humildade, como dom gratuito que permite, finalmente, reconhecer o rosto do Senhor»[21].

Temos de esperar, pois, pacientemente. Jacob teve de esperar toda a noite até ao amanhecer. Não fugiu, não desistiu. A bênção ser-nos-á dada se a pedirmos uma e outra vez. Fazemos a nossa parte, buscando o silêncio, o recolhimento, a liberdade do coração... Cabe a Deus conceder os dons contemplativos: ciência, entendimento, sabedoria. Nós somos incapazes de nos exercitar neles... São atitudes *recetivas* que Ele dá quando quer. Temos de os pedir e esperá-los com humildade. O Senhor dar-no-los-á pouco a pouco, ou porventura de uma só vez. E quando recebermos essa bênção, seja a tragos ou a jorros, prosseguiremos o nosso caminho com os olhos postos na distância, porque essa bênção não é passageira, mas permanente. O patriarca pôs-se a caminho e... para onde foi? Isso é o menos importante. O importante é que já leva impresso na sua alma o rosto do seu Senhor. «Aquela bênção que o patriarca tinha pedido no início da luta é-lhe agora concedida. E não é a bênção obtida por meio de artifícios, mas a bênção concedida gratuitamente por Deus, que Jacob pode receber porque, estando sozinho, sem proteção, sem astúcias nem enganos, se entrega inerme, aceita a rendição e confessa a verdade sobre si mesmo»[22].

«Vi Deus face a face e a minha vida foi salva», diz Jacob a si próprio. Ao longo desta estranha luta, foi conseguindo conhecer Quem tinha diante de si. Ao longo da nossa vida, com a nossa oração, vamos conseguindo conhecer Deus, compreendê-l'O ou, pelo menos, aceitar os Seus modos de atuar, mesmo sem os compreendermos. Gostaríamos de saber o seu nome: «Quem és Tu?». Gostaríamos de O ver. E Deus mostra-Se, mas esconde-Se, para que continuemos a procurá-l'O: para que vivamos d'Ele, para que vivamos dessa procura…

O desfecho deste relato misterioso é paradoxal, como o é quase sempre a nossa fé. Deus abençoa Jacob e felicita-o pela sua vitória, mas, afinal, deslocou-lhe o fémur. O patriarca combateu o bom combate, enfrentou o misterioso adversário sem vacilar. Mas, a partir de agora, caminhará coxeando: será uma espécie de condecoração que lhe recordará a batalha. «E é este Jacob que recebe a bênção de Deus, com a qual entra a coxear na Terra Prometida: vulnerável e vulnerado, mas com um coração novo»[23]. Também nós sairemos feridos e renovados da batalha: as nossas seguranças terrenas serão deslocadas e seremos guiados pela marca de Deus. Ele abençoou-nos e continuará a abençoar-nos, mas torna-nos profundamente conscientes de que a nossa verdadeira segurança está n'Ele. E quanto mais rezamos, mais nos apercebemos de que precisamos d'Ele, de que precisamos de «lutar» com Ele. E mais Lhe pediremos a sua bênção: não Te deixarei, enquanto não me abençoares.

Ricardo Sada

NOTAS

[1] Francis Trochu, *O Cura d'Ars*, Ed. Cultor de Livos, S. Paulo (Brasil).

[2] Bento XVI, Audiência, 25/05/2011.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2715.

[4] *Ibid.*

[5] *Ibid.*, n. 2710.

[6] *Ibid.*, n. 2713.

[7] cf. *Apontamentos íntimos*, 12/12/1935, citado em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá* (vol. I), Ed. Verbo, Lisboa 2002, p. 527.

[8] Santo Agostinho, *De diversis quaestionibus octoginta tribus* 64, 4; citado em *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2560.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2560.

[10] *Ibid.*, n. 2563.

[11] Dicastério para a Doutrina da Fé, Carta *Orationis formas* sobre alguns aspetos da meditação cristã, 15/10/1989, n. 3.

[12] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 8.

[13] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 306.

[14] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2709.

[15] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 299.

[16] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2715.

[17] *Ibid.*, n. 2709.

[18] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 310.

[19] *Ibid.*, n. 296.

[20] Francisco, Audiência, 10/06/2020.

[21] Bento XVI, Audiência, 25/05/2011.

[22] *Ibid*.

[23] Francisco, Audiência, 10/06/2020.

Sumário

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (6): «Maior do que...

6 - «MAIOR DO QUE O TEU CORAÇÃO»: CONTRIÇÃO E RECONCILIAÇÃO

Só Deus é maior do que o nosso coração, e por isso só Ele pode curá-lo, reconciliá-lo até ao fundo. Sexto artigo da série "Combate, proximidade, missão".

Parte do fascínio que Jesus gerava nos seus contemporâneos devia-se à sua capacidade de curar o incurável. O Senhor atraía também muito interesse por serem surpreendentes alguns prodígios, pela força e originalidade da sua pregação, pela sua simpatia e bom humor, porque aparecia como o Messias prometido nas Escrituras…, mas muitos aproximavam-se da sua figura sobretudo pelos milagres que fazia com os doentes. Tinha-se espalhado a notícia de que leprosos, paralíticos, cegos, surdos-mudos ou pessoas com problemas de mobilidade, se tinham curado graças às suas palavras e gestos.

Mas aquele misterioso médico curava os corpos também para mostrar um poder maior: curar as almas. Jesus reconcilia como só Deus poderia fazer: vem curar o fundo do nosso coração. «Que é mais fácil: dizer 'Os teus pecados estão perdoados, ou dizer: 'Levanta-te e anda'? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem, na terra, o poder de perdoar pecados – disse ao paralítico – ordeno-te: levanta-te, pega na enxerga e vai para tua casa» (Lc 5, 23-24). Ao Senhor interessa, sobretudo, curar a nossa cegueira interior: a que nos impede de nos darmos conta de tudo o que recebemos d'Ele; quer curar a nossa mudez, a nossa incapacidade de identificar o mal que existe dentro de nós; a surdez que nos impede de atender à voz de Deus e às necessidades do nosso próximo; a nossa paralisia para nos movermos para aquilo que nos pode fazer verdadeiramente livres; ou a lepra que faz com que nos achemos indignos de um Deus que nunca se cansa de nos procurar. Cada momento da vida de Cristo, e em especial a sua Paixão e Ressurreição, manifesta o seu desejo de curar. Só precisa de encontrar em nós esse mesmo desejo. A cura só é possível se não escondemos a nossa ferida diante de quem tem o poder de curar.

Deus é maior do que o nosso coração

«Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação», escreve São Paulo aos de Corinto. «Pois foi Deus quem reconciliou o mundo consigo, e Cristo, não imputando aos homens os seus pecados, e pondo em nós a palavra da reconciliação» (2Cor 5, 18-19). As primeiras comunidades cristãs, talvez devido ao contraste com a dura lógica social que as rodeava, foram compreendendo que a reconciliação com Deus e com os outros era um dom que só podia vir do alto. Davam-se conta de que nós não podemos «causar» o perdão de Deus com a nossa penitência ou com os nossos atos de reparação, mas que apenas podemos aceitar com agradecimento o dom gratuito – a «graça» – que Ele nos oferece.

É fácil que, sem nos darmos conta, estejamos a aplicar ao perdão de Deus a lógica de um perdão *demasiado humano*. Para uma mentalidade estritamente legal, o importante é o pagamento de uma sanção, a quantidade que se tem de reparar, o esforço por regressar a um equilíbrio anterior ao dano. Mas precisamente essa lógica, com o desespero silencioso que pode gerar em quem não tem como reparar, é o que Jesus veio superar. «Repara que entranhas de misericórdia tem a justiça de Deus! – Porque, nos julgamentos humanos, castiga-se quem confessa a culpa: e, no divino, perdoa-se»[1].

A primeira carta de São João também revela esta notícia consoladora, com umas palavras que nos podem encher de paz: «Na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração, mesmo quando o coração nos acuse; pois Deus é maior que o nosso coração e conhece tudo» (1Jo 3, 19-20). Jesus repete uma e outra vez que veio para nos salvar e não para nos condenar[2], mas mesmo assim podem surgir facilmente no nosso interior vozes que tentem inquietar-nos: a de uma esperança fraca, que convida a desistir, porque não consegue acreditar que Deus pode perdoar tudo; ou a de uma soberba que não suporta constatar uma vez mais a própria debilidade.

O Papa anima a ir ao encontro dessas vozes: «Tu, irmã, irmão, se os teus pecados te assustam, se o teu passado te preocupa, se as tuas feridas não cicatrizam, se as quedas constantes te desmoralizam e cresce a sensação de teres perdido a esperança, por favor, não temas. Deus conhece as tuas fraquezas e é maior que as tuas falhas. Deus é maior do que os nossos

pecados, é muito maior! Só te pede uma coisa: as tuas fragilidades, as tuas misérias, não as guardes dentro de ti; leva-as a Ele, entrega-as a Ele e, de motivo de desolação, tornar-se-ão oportunidade de ressurreição»[3].

Nesse mesmo sentido, São Josemaria convidava-nos a fixar-nos nas personagens que se aproximam de Jesus, conscientes de que não têm nenhuma possibilidade de *pagar a fatura* da sua cura, nem física nem espiritual. Mas essa convicção abre-lhes as portas da verdadeira vida espiritual, o espaço da gratuidade, onde essa «graça» é o mais importante: «Pensas que os teus pecados são muitos, que o Senhor não poderá ouvir-te? Não é assim, porque tem entranhas de misericórdia (…). Observai o que nos conta S. Mateus, quando põem diante de Jesus um paralítico. Aquele doente não diz nada: só está ali, na presença de Deus. E Cristo, comovido por essa contrição, pela dor daquele que sabe que nada merece, não tarda em reagir com a sua misericórdia habitual: *tem confiança, são-te perdoados os teus pecados*»[4].

Curai-me, Senhor, do que me está oculto

A convicção de que Deus nos perdoa sempre também vibra no coração do salmista: «Sempre te confesso o meu pecado, nunca escondi a minha maldade. Eu dizia: “Vou confessar a minha culpa diante do Senhor”. Tu perdoaste a culpa do meu pecado» (Sl 32, 5). Assim aproximamo-nos do mistério da Santa Missa: para nos podermos unir à cruz de Jesus, para entrar na sua transformação amante de todo o mal da história, começamos por reconhecer com humildade a nossa culpa; e batemos no peito ao fazê-lo, como para que o coração desperte[5].

Nesta insistência por reconhecer os nossos pecados, conscientes ou inconscientes, alguns quiseram ver um possível desequilíbrio psicológico ou um desejo de carregar pesos desnecessários na alma. Na realidade, apesar de existirem tendências escrupulosas que bloqueiam o crescimento da vida interior, existe também um sadio sentimento de culpa, indispensável para abrir as asas do coração. Só há liberdade onde há responsabilidade, onde as nossas ações são levadas a sério. Todo o processo de crescimento espiritual passa por olhar de frente, com realismo, para as nossas próprias ações; também para aquelas em que experimentamos inquietação ou

arrependimento. Precisamos de ver, junto de Deus, os nossos pensamentos, palavras, atos ou omissões[6]: compreender em que é que ferimos – ou, até pior, tratámos com indiferença – Deus e os outros; em que é que fizemos mal a nós próprios, deixando que cresça o joio na nossa alma. Porque só a verdade nos liberta (cf. Jo 8, 32), especialmente a verdade sobre a nossa própria vida.

Nesta tarefa teremos de evitar três tentações: primeiro, a de minimizar a nossa culpa, por um exame de consciência superficial, ou evitando o silêncio interior em que o Espírito Santo nos espera para nos mostrar a nossa própria verdade; segundo, a de transferir a culpa para os outros ou para as circunstâncias, de maneira que apareçamos habitualmente como vítimas, ou como se nunca fizéssemos mal a ninguém; e, em último lugar, uma tentação que parece ser o oposto da anterior, mas que acaba por conduzir à mesma complacência estéril: a que desvia o nosso arrependimento de Deus e dos outros para o centrar no nosso orgulho ferido, no facto de termos falhado novamente a nós mesmos.

«Mas, quem poderá discernir os próprios erros? Perdoa-me os que me são desconhecidos. Preserva-me também da soberba, para que ela não me domine. Então serei perfeito e imune da falta grave» (Sl 19, 13-14). No fundo de um saudável sentimento de culpa não se encontra a atitude de «um maníaco colecionador de folhas imaculadas de bons serviços»[7], mas a humildade de quem quer descobrir aquilo que o afasta de Deus, o que cria divisão na sua alma e à sua volta, o que o impede de dar e receber amor. Não confessamos a nossa «imperfeição», mas a nossa indiferença ou a nossa falta de caridade, manifestadas em detalhes concretos: «houve algo em mim que te pudesse magoar a Ti, Senhor, meu Amor?»[8]. Dessa atitude pode sair a luz que nos leve a descobrir serenamente a nossa própria verdade: a olhar para o mais profundo do nosso coração, onde já se encontra, querendo abrir caminho em nós, o Reino de Deus (cf. Lc 17, 21). Um sentimento de culpa sadio é um aliado no nosso desejo de ser mais de Deus; um catalisador das nossas «sucessivas conversões»[9], sempre que recordemos que sem Ele não podemos fazer nada.

Um sacramento que devolve beleza ao mundo

Santo Agostinho dizia que «a Igreja é o mundo reconciliado»[10]. Daí que a família de Deus se desenvolva «reconciliando o mundo com Deus. Esta é a grande missão apostólica de todos»[11]. E o sacramento da reconciliação é um dos centros nevrálgicos desse grande movimento de reconstrução, de pacificação, de perdão. É o melhor lugar de onde nos podemos distanciar da nossa culpa; aí damo-nos conta de que, apesar de sermos pecadores, não somos o nosso pecado; e de que, perante um Pai que nos ama sem condições, não precisamos de esconder nada. O sacramento da reconciliação ajuda-nos a enfrentar a nossa fragilidade, as nossas contradições, as nossas feridas; e a mostrá-las ao único médico que as pode curar. São Paulo fazia-o com uma segurança sem limites: «De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo» (2Cor 12, 9).

Essa confiança, no entanto, vai acompanhada pela contrição, o sofrimento do coração pelo mal que encontra dentro de si: «Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos. Reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim o meu pecado» (Sl 51, 4-5). A tradição católica costuma diferenciar dois tipos de contrição: a que surge do amor a Deus – o arrependimento por ter rejeitado o amor da Trindade, ou seja, das pessoas mais importantes da minha vida –; ou a que surge, de maneira indireta, seja por compreender o mal provocado com o pecado, as suas consequências espirituais ou a confiança na sabedoria da Igreja[12]. A primeira é chamada «contrição perfeita»: por ela, Deus perdoa-nos os pecados, inclusive graves, desde que recorramos ao sacramento da reconciliação logo que seja possível. A segunda é a chamada «contrição imperfeita»; também é um dom de Deus que inicia um caminho espiritual, porque nos dispõe a receber o perdão dos pecados no sacramento. Os atos de contrição, que podem ser breves orações improvisadas ao longo do dia – Perdão, Jesus! – despertam essa dor do coração; preparam-nos para receber e para partilhar mais abundantemente a misericórdia de Deus.

O Catecismo da Igreja recorda-nos também que, juntamente com o sacramento da Penitência, único lugar onde Jesus nos liberta dos pecados graves, também podemos receber de outras formas a reconciliação dos outros pecados. A Sagrada Escritura e os Padres citam, entre eles, «os esforços realizados para se reconciliar com o próximo, as lágrimas de

penitência, a preocupação pela salvação do próximo (cf. Tg 5, 20), a intercessão dos santos e a prática da caridade “que cobre a multidão dos pecados” (1Pd 4, 8)»[13]. Contudo, a Igreja não deixa de recomendar a confissão sacramental também para essas faltas menos graves. São Paulo VI recordava que «a confissão frequente continua a ser uma fonte privilegiada de santidade, de paz e de alegria»[14]. E São Josemaria: «Recorrei semanalmente – e sempre o necessiteis, sem dar lugar aos escrúpulos – ao santo Sacramento da Penitência, ao sacramento do perdão divino, (…) e redescobriremos o mundo com uma perspetiva jubilosa, porque saiu formoso e limpo das mãos de Deus, e restituir-lho-emos assim belo, se aprendermos a arrepender-nos»[15].

A confissão frequente permite-nos afinar o coração, e evita que nos habituemos à nossa frieza, às nossas resistências ao amor de Deus. Bento XVI comentava uma vez: «É verdade, geralmente, os nossos pecados são sempre os mesmos, mas fazemos limpeza das nossas habitações, dos nossos quartos, pelo menos uma vez por semana, embora a sujidade seja sempre a mesma. Para viver na limpeza, para recomeçar; se não, talvez a sujidade não possa ser vista, mas acumula-se. O mesmo vale para a alma, por mim mesmo, se não me confesso a alma permanece descuidada e, no fim, fico satisfeito comigo mesmo e não compreendo que me devo esforçar para ser melhor, que devo ir em frente. E esta limpeza da alma, que Jesus nos dá no Sacramento da Confissão, ajuda-nos a ter uma consciência mais ágil, mais aberta e também de amadurecer espiritualmente e como pessoa humana»[16].

«O sacramento da Reconciliação precisa de voltar a ter o seu lugar central na vida cristã»[17], escreveu o Papa Francisco. Além da cura das grandes feridas, é um aliado necessário na vida cristã diária: ajuda-nos a conhecermo-nos cada vez melhor, e a familiarizarmo-nos com o coração misericordioso de Deus. Dificilmente superaremos de forma imediata todos os hábitos e disposições que nos levam ao mal: a graça conta com a história, e tem de se fazer uma só coisa com a nossa[18]. Por isso, sem expectativas irreais que nos podem fazer desesperar da nossa debilidade, ou inclusive da graça, tenhamos sempre o olhar posto em Jesus; não deixemos de procurar quem quer e pode curar-nos. Porque a vida espiritual é «um contínuo

começar e recomeçar. – Recomeçar? – Sim!: cada vez que fazes um ato de contrição»[19].

Andrés Cárdenas Matute

NOTAS

[1] São Josemaria, *Caminho*, n. 309.

[2] cf. por exemplo Jo 3, 17; 12, 47.

[3] Francisco, Homilia, 25/03/2022.

[4] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 253.

[5] cf. *Missal romano*, ritos iniciais.

[6] *Ibid*.

[7] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 75.

[8] São Josemaria, *Forja*, n. 494.

[9] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 57.

[10] Santo Agostinho,*Sermão* 96, n. 8.

[11] Fernando Ocáriz, Mensagem pastoral, 21/10/2023.

[12] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1452-1453.

[13] *Ibid.*, n. 1434.

[14] São Paulo VI, *Gaudete in Domino*, n. 52.

[15] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 219.

[16] Bento XVI, Catequese, 15/10/2005.

[17] Francisco, *Misericordia et misera*, n. 11.

[18] cf. Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 50.

[19] São Josemaria, *Forja*, n. 384.

Sumário

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (7): «Ofereço a...

7 - «OFEREÇO A MINHA VIDA PARA A RETOMAR DEPOIS»: O SENTIDO CRISTÃO DO SACRIFÍCIO (I)

Se um cristão está disposto a jejuar, a sacrificar-se pelos outros, se consegue encarar o sofrimento com alegria, é porque não quer deixar o Senhor sozinho com o peso do mal e do sofrimento do mundo.

«Estes homens espalham a desordem na nossa cidade (…). Apregoam usos que não nos é permitido a nós, romanos, nem admitir nem praticar» (At 16, 20). A catequese de Paulo e Silas foi interrompida por um rumor crescente que acabará em tumulto e em flagelação pública, seguidos de prisão preventiva. É apenas um dos muitos episódios dos Atos dos Apóstolos que mostram as hostilidades geradas desde o princípio pela pregação do Evangelho. Os apóstolos e os primeiros cristãos foram repetidamente encarcerados, humilhados e agredidos. Mas aquilo que chama mais a atenção é a serenidade com que reagiam.

Nesta cena, os corpos açoitados de Paulo e Silas, encerrados num calabouço, ainda estão dormentes e as suas mentes continuam atordoadas pela humilhação pública quando «cerca da meia-noite (…) em oração, entoavam louvores a Deus, e os presos escutavam-nos» (At 16, 25). A resposta é semelhante à dos apóstolos em Jerusalém, depois de uma flagelação totalmente arbitrária: «eles saíram da sala do Sinédrio cheios de alegria, por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do Nome de Jesus» (At 5, 41).

A história do cristianismo está cheia de homens e de mulheres, de jovens e de velhos, que vivem o sofrimento com uma alegria espiritual humanamente desconcertante. É uma atitude que pode ser surpreendente em qualquer época, mas especialmente em sociedades que não conheceram o cristianismo, ou que o perderam de vista.

Hoje reproduz-se às vezes o espanto que refletia a carta a Diogneto no século II: «Dão mostras de um estilo de vida admirável e, na opinião de todos, incrível». Muitos aspetos da vida dos primeiros cristãos chocavam com o seu entorno, e, um deles, era sem dúvida a sua relação com o prazer e

com a dor, a sua reação perante o sofrimento e a sua disposição para o sacrifício: «Dá-se-lhes morte, e com isso recebem vida. (…) São amaldiçoados, e abençoam; são tratados com ignomínia, e eles, pelo contrário, devolvem com honra. Fazem o bem e são castigados como malfeitores; e, ao serem condenados à morte, alegram-se como se lhes fosse dada a vida»[1]. O facto de estas pessoas encontrarem a vida na dor ultrapassa todas as suas categorias. Tal como a cruz de Cristo, este modo de ver e de viver parecia-lhes uma loucura: «Escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus (1Cor 1, 23-24)».

Desafio e oportunidade

O ar que se respira em muitos lugares do mundo, talvez hoje ainda mais do que nas grandes cidades do Império romano, está impregnado de hedonismo: o bem tende a identificar-se com aquilo que produz prazer e o mal com a dor. Também há quem adote uma atitude estoica para ter um maior domínio de si e tornar-se mais resiliente diante das contrariedades; mas, no final de contas, a atitude de fundo continua a girar em torno do prazer e da dor, e não se vê mais além desta demarcação do território. Isto deve-se a uma série de fatores: em grande parte do mundo, as possibilidades de ter uma vida cómoda multiplicaram-se, as fontes de prazer e de diversão passaram a estar muito mais ao dispor, e conseguiu-se aliviar a dor com uma eficácia inédita na história. Sem dúvida que há aqui progressos que têm muito de positivo; no entanto, tal como sucede com toda a mudança na experiência do mundo, afetam o modo de viver a vida cristã. Nestas coordenadas, a disposição para sofrer por Cristo ou a convicção de que a alegria tem as suas «raízes em forma de Cruz»[2] podem ser chocantes ou, pelo menos, difíceis de compreender. Tudo isso constitui simultaneamente, um desafio e uma oportunidade.

O desafio tem que ver com este facto: quem quer viver perto de Deus no meio do mundo encontra-se exposto às mesmas mensagens que os seus iguais. A corrente poderia acabar por levá-lo, por exemplo, a suavizar a mensagem de Jesus ou a reinterpretá-la numa versão mais *light*. No fundo, é a tentação de um cristianismo bonzinho, sem cruz. E, no entanto, aí estão as palavras do Senhor: «Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo,

tome a sua cruz e siga-Me. Na verdade, quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de Mim e do Evangelho, há de salvá-la» (Mc 8, 34-35); «se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24). Um cristianismo sem cruz, com efeito, «é mundano e torna-se estéril»[3]. Para viver em Cristo e, depois, transmitir esta vida aos outros, o caminho passa pela cruz. Como em tantos outros aspetos da nossa fé, também aqui encontramos um paradoxo: «para Viver é preciso morrer»[4].

Contudo, um ambiente hedonista traz também oportunidades. A diferença da conduta de um cristão em relação ao seu redor costuma oferecer-lhe ocasiões para dar razão da sua esperança (cf. 1Pd 3, 15). Assim avançou a evangelização nos primeiros séculos: é como se a escuridão gerasse um contraste sobre a pessoa que pode fazer brilhar com mais claridade a luz de Cristo. Nos nossos dias, quando um cristão vive com espírito de sacrifício e abraça serenamente a cruz, isso interpela necessariamente os seus contemporâneos. Por um lado, essa maneira de viver a dor – sem dramatismos, sem fazê-la pesar sobre os outros – é atraente, como o são a paciência e a mansidão de Jesus (cf. Mt 11, 28-30). Por outro lado, mais cedo ou mais tarde, gera perguntas que abrem frentes à fé: Como consegue encarar esse sofrimento com tanta serenidade? Porque não se revolta? E essa alegria? Se desfruta como eu das coisas boas da vida, porque renuncia às vezes a elas? Que é que isto tem que ver com o seu Deus? E o que é que muda no mundo com os seus sacrifícios?

A única resposta: Cristo

Todas estas perguntas, que podem surgir também alguma vez na alma de um cristão, têm no fundo uma única «resposta autêntica, uma resposta que é definitiva: Cristo na Cruz»[5]. Se um cristão estiver disposto a contrariar os seus gostos, a jejuar, a sacrificar-se pelos outros; se encara o sofrimento com alegria, sem lhe dar demasiada importância, é porque sabe que, de um modo misterioso mas real, a paixão de Jesus continua a desenrolar-se ao longo da história. «Na vida da Igreja, nas suas provas e tribulações, Cristo continua, segundo a incisiva expressão de Pascal, a estar em agonia até ao final do mundo»[6].

Jesus «continua a sofrer nos seus membros, na humanidade inteira que povoa a terra, e da qual Ele é a Cabeça, o Primogénito e o Redentor»[7]. Quando um cristão compreende isso em profundidade, é natural que não queira deixar o Senhor sozinho com o peso do mal e do sofrimento do mundo. A sua disposição para sofrer não responde por isso a um moralismo puritano que encara o prazer com desconfiança; também não se reduz simplesmente a uma opção ascética, ou a uma atitude estoica… É, em sentido literal, *com-paixão*: perceção do sofrimento que atravessa o coração de Jesus, e desejo de O acompanhar, de alinhar o nosso coração com o Seu. Como diz São Paulo, «alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja» (Col 1, 24).

Era com este desejo que Santo Ignácio de Antioquia escrevia por volta do ano 110, a caminho do martírio: «Permitam-me imitar a paixão do meu Deus. Se alguém O tem consigo, que entenda o que desejo, e que sinta o mesmo que eu». Este santo invertia o que o mundo chama de vida e de morte: «Não me impeçam de viver; não desejem a minha morte. Não concedam o mundo a alguém que deseja ser de Deus, não o seduzam com coisas materiais»[8]. De novo, é o mesmo espírito que levava São Paulo a considerar que «tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo e nele ser achado» (Flp 3, 8-9). Se estar com Jesus requer sofrer e deixar coisas boas de lado, deixá-las-emos; não porque em si mesmas sejam lixo, mas porque preferi-las a Jesus seria ficarmos a procurar pérolas numa lixeira.

Gotas de sangue

O sacrifício – escolhido, quando o Senhor o pede; ou aceite, quando o permite; mas sempre amado – é vivido de modo autenticamente cristão a partir do coração de Cristo, ou seja, «tendo os mesmos sentimentos» (Flp 2, 5). Para «sentir com Ele», para entrar nessa compaixão, pode ajudar-nos muito a contemplação da paixão do Senhor: que sente Jesus diante da sua Cruz? Entre as muitas ideias que esta reflexão nos pode dar, podemos observar que o coração de Cristo sente uma rejeição natural diante da dor, mas aceita-a livremente como entrega de amor e com a esperança da

ressurreição. Jesus entrega-se com a segurança de que nada do que vai sofrer se perderá, que nenhum dos seus esforços terá sido em vão; que a Cruz se converterá em árvore da vida.

Perante a perspetiva da paixão, Jesus suou sangue, uma reação fisiológica que ocorre muito raramente, perante situações de uma tensão ou angústia extremas. O coração humano de Jesus manifesta assim nesse momento a sua sensibilidade perfeita; entende o sofrimento e o mal como aquilo que realmente é: algo repugnante. Ainda que pudesse parecer óbvio, é bom recordar que Jesus não escolheu a paixão e a cruz por si mesmas, mas aceitou-as voluntariamente como «preço pelo nosso resgate»[9]. No combate da sua oração, Jesus pede ao seu Pai Deus: «se é possível, afaste-se de mim este cálice» (Mt 26, 39), e mostra-nos assim que é bom tentar evitar o sofrimento. «No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres», acrescenta; porque, à luz do amor de Deus, não só é bom aceitar a cruz, como até abraçá-la.

Se Nosso Senhor sentiu angústia na véspera da sua paixão (cf. Mt 26, 37-38), não nos deve estranhar que o nosso coração sinta algo semelhante diante da dor ou diante do sacrifício. Naturalmente, esta resistência não é somente externa: também às vezes podemos experimentar na nossa própria pele o escândalo da cruz. O pecado é uma ferida aberta no mundo e na nossa própria natureza; uma ferida tão real que gera uma autêntica resistência, não só à dor, mas inclusive ao próprio bem, ao amor e ao reino de Deus[10]. A libertação do pecado não se realiza sem um forte estremecimento doloroso: neste mundo, na nossa vida, o bem não irrompe de modo espontâneo. Por isso o amor de Deus, o amor puro que pode curar o amor enfermo, revela-se misteriosamente unido à dor. Assim o entendeu Santa Teresa de Calcutá: «O amor exige sacrifício. Mas se amamos até doer, Deus dar-nos-á a sua paz e a sua alegria… O sofrimento em si mesmo não é nada, mas o sofrimento partilhado com a paixão de Cristo é um dom maravilhoso»[11].

No Getsemani, Jesus sentiu na sua carne essa resistência humana à vontade salvífica do Pai. No entanto, apesar de lhe repugnar naturalmente, Jesus não sofreu a cruz contra a sua vontade, mas assumiu-a voluntariamente: «ninguém me tira a vida, mas sou Eu que a ofereço

livremente» (Jo 10, 18). A paixão e a cruz eram o resultado da livre rejeição de Cristo por parte das autoridades do momento, que expressa a resistência do coração humano ao amor de Deus, entendido também na recorrência dos martírios ao longo da história da Igreja, até ao presente. Jesus converte em todo o caso essa decisão livre dos seus contemporâneos num ato de amor: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós» (Lc 22, 19). Jesus sabe que essa entrega é necessária para que o amor volte a ser possível no mundo: é necessário que Ele nos ame até ao fim (cf. Jo 13, 1); que Ele abrace todo o nosso ódio, toda a nossa indiferença, toda a nossa miséria… Com esse abraço começou uma «transformação amante»[12] que requer também o nosso abraço, o nosso «sim» à cruz. Só assim a nossa história pessoal e a do mundo podem entrar com Ele na ressurreição.

Gonzalo de la Morena - Carlos Ayxelà

NOTAS

[1] *Carta a Diogneto*, n. 5-6.

[2] São Josemaria, *Forja*, n. 28; *Cristo que Passa*, n. 43.

[3] Francisco, Homilia, 14/09/2021.

[4] São Josemaria,*Caminho*, n. 187.

[5] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 168.

[6] Bento XVI, Homilia, 18/09/2010; cf. Pascal, *Pensées*, 553, ed. Brunschvicg. Já Santo Agostinho o tinha compreendido, muitos séculos antes: «Ele foi elevado ao mais alto dos céus; entretanto, continua a sofrer na terra através das fadigas que os seus membros experimentam» (Sermão Mai 98, sobre a ascensão do Senhor, 1-2; PLS 2, 494-495).

[7] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 168.

[8] Santo Inácio de Antioquia, *Carta aos romanos*, 6.

[9] Santo Agostinho, *Comentário sobre o Salmo 21*, 11, 8; cf. 1Pd 1, 18-19; 1Cor 6, 20; Is 53, 5.

[10] cf. Rm 5, 12-17; 8, 1-13.

[11] Santa Teresa de Calcutá, citado em Brian Kolodiejchuk (ed.), *Come, be my Light*, Rider, Nova Iorque, 2006, p. 146. (A edição portuguesa *Vem, sê a minha luz* foi publicada pela Alêtheia Editores).

[12] *«Maior do que o teu coração»: Contrição e reconciliação*, em opusdei.org.

Sumário

opusdei.org

Combate, proximidade, missão (8): «O vosso coração...

8 - «O VOSSO CORAÇÃO HÁ DE ALEGRAR-SE»: O SENTIDO CRISTÃO DO SACRIFÍCIO (II)

Para os cristãos, o valor do sacrifício esconde-se no desejo, manso e humilde, de se associarem ao sofrimento de Jesus na sua paixão, e de libertar o coração de tudo o que o aprisiona: na aspiração a uma vida mais leve, mais luminosa, mais livre.

Com imensa delicadeza, mas profundamente desconcertados, José de Arimateia e Nicodemos descem o Senhor da cruz e deixam-no nos braços da sua mãe. Santa Maria acaricia o seu Filho com a ternura daquela noite longínqua em Belém; fecha-lhe os olhos, beija-o na testa. Chora, crê, espera… E sustenta assim, através dessa provação tão dura, uma Igreja ainda minúscula: o «povo que vai nascer» (Sl 22, 32), que está já a nascer.

A manhã do domingo de Páscoa dissipará todas as trevas. Sem a ressurreição, não só a paixão e a morte de Jesus, mas também todo o sofrimento e dor da história, se teriam convertido numa piada cruel. Mas a vitória de Jesus sobre a morte mudou as coordenadas para sempre. Desde então, é possível sofrer e entregar-se por amor, com a confiança de Jesus: «Ofereço a minha vida para a retomar» (Jo 10, 18); «hei de ver-vos de novo e o vosso coração há de alegrar-se» (Jo 16, 22). Essa alegria na hora de *acolher e escolher* a cruz, no pequeno e no grande, é uma graça especial de Jesus ressuscitado[1].

Fonte de vida

São Paulo explica que a morte de Jesus crucifica o «homem velho» (Rm 6, 6; Ef 4, 22). É uma morte que só tem sentido do ponto de vista da vida a que vai dar lugar: a vida da graça, do Espírito, o «homem novo» (Ef 4, 24). Do mesmo modo, o sacrifício e a mortificação cristã não têm sentido por si sós, como se renunciar à própria vida fosse, só por si, algo bom. A mortificação tem sentido na medida em que é *vivificadora*, fonte de vida nova. O cristão reconhece zonas de si mesmo que lhe tiram vida, que o alienam, que criam divisão no seu interior e à sua volta… porque estão ainda sob o domínio do pecado: tendências enfermiças, distorcidas ou

feridas que devem ser salvas, *ressuscitadas* por Cristo. Por isso, São Paulo alerta: «se viverdes de acordo com a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis» (Rm 8, 13).

É importante entender bem o que o apóstolo está aqui a dizer: perante a chamada a viver segundo o Espírito, com maiúscula, apresenta-se a tentação de viver segundo a carne, ou seja, segundo tudo o que em nós – alma e corpo – se opõe a Deus[2]. Por isso, a vida «segundo a carne» não é talvez tanto a de um corpo selvagem que esmaga uma alma inocente como a de uma alma frívola que corrompe e desfigura a pessoa inteira, na sua unidade de corpo e espírito[3]. Como diz Jesus, o mal vem muito de dentro: «O que sai do homem, isso é que torna o homem impuro. Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições (…). Todas estas maldades saem de dentro e tornam o homem impuro» (Mc 7, 20-23).

Entende-se assim que para os cristãos o valor do sacrifício não esteja no sofrimento considerado em si mesmo, ou numa submissão ascética do corpo, mas no desejo de libertar o coração de tudo o que o aprisiona; na aspiração a uma vida mais leve, mais luminosa, mais íntegra: uma vida que irradie simplicidade e alegria. O cristão não procura a dor pela dor; não é um masoquista. No entanto, descobre muitas vezes, em si mesmo e nos outros, fundas baixezas de egoísmo, de sensualidade, de cobiça. Libertar-se e ajudar outros a libertarem-se de tudo isso, sobretudo quando lançou raízes profundas, não é possível sem renúncia. Sim, abrir o coração pode doer, como sucede quando se recupera o fluxo sanguíneo num membro dormente pelo frio: pode custar muito, mas é necessário.

«Então, hão de jejuar»

«Porventura podem os convidados para as núpcias estar tristes, enquanto o esposo está com eles? Porém, hão de vir dias em que lhes será tirado o esposo e, então, hão de jejuar» (Mt 9, 15). Estas palavras, um tanto misteriosas de Jesus, anunciam detalhes importantes sobre o estilo de vida dos seus discípulos. Por um lado, Ele veio ao mundo para ficar, e veio trazer a alegria, a vida «em abundância» (Jo 10, 10): não só não o incomoda que desfrutemos da vida, mas até se alegra por nos ver sãos e felizes[4]. Por

outro, enquanto durar a história, notar-se-á a ausência de Deus onde os homens preferem as trevas do seu egoísmo à luz do seu amor (cf. Jo 3, 19-21). E, à partida, esse lugar é sempre o coração de cada um. No nosso coração, nas nossas relações, nas nossas casas, é necessário dar espaço a Deus, porque o nosso eu tende a ocupar tudo. E onde reina o eu, faltam a paz e a alegria.

O jejum é uma das formas que o combate dos cristãos assumiu desde o princípio para abrir espaço a Deus nas suas vidas, porque o próprio Senhor jejuava (cf. Mt 4, 2) e exortou-nos a fazê-lo, com boa cara (Mt 6, 16-18). O jejum significa a renúncia, de uma maneira muito concreta, muito palpável, à nossa tendência a dominar e dispor sobre as coisas. Por esta prática, que nos atinge em algo tão fundamental como a alimentação para a subsistência, passamos «da tentação de "devorar" tudo para satisfazer a nossa voracidade, à capacidade de sofrer por amor, que pode preencher o vazio do nosso coração»[5]. São Josemaria dizia que o jejum é «penitência agradabilíssima a Deus»; mas, acrescentava, «ora por esta, ora por aquela razão, temos feitos concessões»[6]. Com efeito, se uma pessoa se limitar estritamente às disposições mínimas nesta matéria, poderia acabar por jejuar muito pouco. Daí que a Igreja, como boa mãe, deixe uma grande margem para a generosidade e para o crescimento espiritual de cada um, atendendo também à saúde do corpo.

A lógica do jejum, marcada por este desejo de que Deus cresça e que eu – com o meu egoísmo, com o meu desejo de me impor – diminua (cf. Jo 3, 30), permite entender o sentido de tantas outras privações voluntárias: sacrifícios que, apesar de parecerem empequenecer a vida, de facto a expandem; tornam-na mais livre. Ao renunciar voluntariamente a certas coisas boas, vamos gravando no nosso coração a convicção de que «só Deus basta»[7]. Protegemo-nos assim da idolatria, que «não oferece um caminho, mas uma multiplicidade de veredas que não conduzem a uma meta certa, antes se configuram como um labirinto»[8]. Quem não sabe renunciar a nada acaba por ver-se sujeito a tudo, «obrigado a ouvir as vozes dos muitos ídolos que lhe gritam: "Confia-te a mim"»[9]; quem se atreve a fazê-lo, pelo contrário, «livra-se de muitas escravidões e consegue, no íntimo do seu coração, saborear todo o amor de Deus»[10].

Desse ponto de vista, existem muitas formas possíveis de «jejum» ou de renúncia. Desde que as escolhamos com o coração, e não por um frio sentido de dever, todas elas podem tornar-nos mais livres, «livres para amar»[11]. Um *jejum digital* intermitente, por exemplo, em que deixamos de lado o telemóvel em alguns momentos do dia, permite-nos melhorar as nossas relações interpessoais e manter conversas mais autênticas, a salvo de distrações que intoxicam. O facto de renunciar a dispor imediatamente de tudo com uns poucos movimentos do dedo – informações, produtos, experiências – liberta-nos de uma tendência a possuir ou a consumir que acaba por nos deixar vazios. Prescindir de um serviço ou escolher às vezes algo menos cómodo ou agradável ajuda-nos a desfrutar daquilo que é simples e fortalece-nos perante as contrariedades que não faltam na vida de ninguém. Evitar que a nossa atenção se disperse durante o trabalho permite-nos torná-lo num verdadeiro serviço, e alegrar-nos com os resultados. Renunciar a tempos livres para nos ocuparmos de um doente ou de alguém que necessita de ajuda dilata o nosso coração e impede que se endureça; ensina-nos até a conviver com a nossa própria imperfeição e fragilidade.

Também nesta lógica de liberdade do coração – liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 21) – se inscrevem diferentes costumes de mortificação do corpo e da sensibilidade, que foram adotando várias formas entre os cristãos no decurso da história. Tal como o jejum, estas práticas correspondem à convicção de que é necessário rezar também com o corpo, e de que é inevitável uma certa luta para reintegrar as diferentes distintas esferas da nossa pessoa. Assim, quando um cristão trata o seu corpo ou os seus sentidos com mais exigência, não o faz por ver neles algo de mau ou duvidoso, mas porque percebe a tendência do seu coração a dispersar-se em mil direções, e sobretudo o preço real dessa dispersão: a incapacidade de amar. Ou mais ainda, porque sente o desejo, manso e humilde, de se associar ao sofrimento de Jesus na sua paixão. São Paulo fala de levar a morte do Senhor no nosso corpo, para ressuscitar com Ele (cf. 2Cor 4, 10); e a esse percurso, a essa *Páscoa*, obedece também este tipo de sacrifícios. É verdade que às vezes se podem ter prestado a excessos, e também à incompreensão dos que não concebem que se possa sofrer para que Jesus viva em nós. Contudo, entre os que por um lado exageram e os que por outro se escandalizam, ergue-se a serenidade, a simplicidade e a liberdade

de espírito com a qual muitos cristãos expressam, também deste modo, o seu amor a Jesus: «coração, coração na cruz, coração na cruz!»[12].

Dar a vida pelos amigos

«Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios», diz Deus através do profeta Oseias (Os 6, 6). Jesus retoma essas palavras no Evangelho (cf. Mt 9, 13), não para invalidar a prática do jejum e da mortificação, mas para sublinhar que qualquer sacrifício se deve ordenar ao amor. São Josemaria explicava-o assim: «"Prefiro as virtudes às austeridades", diz, por outras palavras, Iavé ao povo escolhido, que se engana com certas formalidades externas. Por isso, temos de cultivar a penitência e a mortificação como provas de verdadeiro amor a Deus e ao próximo»[13]. Nesse sentido, costumava dizer que as mortificações preferidas de Deus eram as que tornavam a vida mais agradável aos outros[14]. Também nisto, se fazia eco das palavras do Senhor: «Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13).

A disposição de dar a vida pelos outros, se for sincera, não precisa nem pode esperar situações extraordinárias, porque encontra muitas ocasiões na própria vida. São Josemaria enumerava algumas: «Essa palavra acertada, a "piada" que não saiu da tua boca, o sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçadores e com os importunos, não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, de pessoas que convivem contigo...»[15].

Nessas, e em muitas outras situações, o olhar do cristão, como o de Jesus, não está centrado no próprio sofrimento, mas no bem que torna a cruz numa realidade amável. «Sacrifício, sacrifício! – É verdade que seguir a Jesus Cristo (disse-o Ele) é levar a cruz. Mas não gosto de ouvir as almas, que amam o Senhor, falar tanto de cruzes e de renúncias; porque, quando há Amor, o sacrifício é gostoso – ainda que custe – e a cruz é a Santa Cruz. A alma que sabe amar e entregar-se assim, enche-se de alegria e de paz. Então, porquê insistir em "sacrifício", como buscando consolações, se a cruz de Cristo – que é a tua vida – te torna feliz?»[16].

São Josemaria enfatiza o valor positivo do sacrifício que se faz por amor, indicando-o inclusive como fonte de paz e de alegria. E, por isso mesmo, rejeita com firmeza os modos «doloristas» ou «vitimistas» de entender o sacrifício[17]. Por vezes, há quem pareça insistir na componente de renúncia que supõe seguir o Senhor, como procurando um olhar de consolo, esquecendo que a renúncia só é fonte de vida pela sua união à cruz de Jesus. Nesses casos, a atenção é posta na dor experimentada, no próprio esforço espiritual. Mas o sacrifício cristão não visa provar uma heroica capacidade de aguentar o sofrimento, mas formar em nós um coração como o de Cristo, um coração trespassado, «completamente aberto»[18].

Jesus não explicou a sua morte como prova de coerência perante uns princípios ou como manifestação da sua resistência espiritual, mas como uma entrega por pessoas concretas: «o meu corpo, que vai ser entregue por vós» (Lc 22, 19). Toda a sua atenção está dirigida para nós, não para si mesmo. Por isso, se reduzíssemos o objetivo da nossa mortificação ao nosso próprio sofrimento, não só desenvolveríamos uma espiritualidade negativa e triste, que não tem nada que ver com o Evangelho, mas sobretudo uma certa soberba espiritual que poderia tornar estéreis os nossos sacrifícios. É necessário olhar para muito mais longe: compreender o sacrifício como um enorme sim a Deus e aos outros, como um grande sim à Vida.

Há uma grande distância entre quem centra o objetivo em sofrer e quem o centra em amar, apesar de o amor poder doer. Por isso, o convite de Jesus a pegar na sua cruz poderia entender-se assim: ama mesmo que doa – porque às vezes vai doer –, e confia na ressurreição; procura acima de todas as coisas o reino de Deus e a sua justiça (cf. Mt 6, 33), e deixa tudo nas mãos do Pai (cf. Lc 23, 46). Essa é a disposição do coração de Cristo, e do coração dos seus: iluminar um mundo às escuras com uma alegria radicada na cruz[19]; caminhar pela vida com «a cruz às costas, com um sorriso nos lábios, com uma luz na alma»[20].

Gonzalo de la Morena - Carlos Ayxelà

NOTAS

[1] O profeta Isaías antecipava já, com umas palavras que impressionam ao longo dos séculos, essa graça que surgiria da Cruz e da Ressurreição, e que alcança todos os que abraçam esse caminho: «Para que a sua vida fosse um sacrifício de reparação, terá uma prosperidade duradoura e viverá longos dias, e o desígnio do Senhor realizar-se-á por meio dele. Por causa dos trabalhos da sua vida verá la luz (...). Por isso, ser-lhe-á dada uma multidão como herança, há de receber muita gente como despojos, porque ele próprio entregou a sua vida à morte, e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos, e sofreu pelos culpados» (Is 53, 10-12).

[2] cf. Rm 8, 7-9: «É que a carne aspira à inimizade com Deus, uma vez que não se submete à lei de Deus. Os que vivem sob o domínio da carne são incapazes de agradar a Deus. Ora vós não estais sob o domínio da carne, mas sob o domínio do Espírito, pressupondo que o Espírito de Deus habita em vós».

[3] Nesse sentido, São Paulo fala do respeito que se deve ao corpo, afirmando que é «membro de Cristo» e «templo do Espírito Santo» (1Cor 6, 15-19); «Ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja» (Ef 5, 29).

[4] cf. Sir 14, 11.14: «Meu filho, se tens com quê, trata-te bem (…). Não te prives da felicidade presente, e não deixes perder nenhuma parcela dum legítimo».

[5] Francisco, Mensagem para a Quaresma, 2019.

[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 231.

[7] Santa Teresa de Jesus, *Poesías*, n. 30, em*Obras Completas*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2012.

[8] Francisco, *Lumen Fidei*, n. 13.

[9] *Ibid*.

[10] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[11] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 6.

[12] São Josemaria, *Via Sacra*, V estação.

[13] São Josemaria, *Sulco*, n. 992.

[14] cf. p. ex. São Josemaria, *Sulco*, n. 991; *Forja*, n. 150.

[15]São Josemaria, *Caminho*, n. 173.

[16] São Josemaria, *Sulco*, n. 249.

[17] cf. Pedro Rodríguez, *Camino*, *edición crítico-histórica*, comentário ao n. 175.

[18] Joseph Ratzinger, *Introducción al cristianismo*, Sígueme, Salamanca, 2007, p. 189.

[19] cf. São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 43; *Forja*, n. 28.

[20] São Josemaria, *Via Sacra*, II estação, n. 3.

Sumário

opusdei.org

O manto e a sombra de Jesus: A Igreja, lugar...

9 - O MANTO E A SOMBRA DE JESUS: A IGREJA, LUGAR DE SANTIDADE

Quando Cristo nos alcança na sua Igreja e nos deixa tocar no seu manto, a força que sai dele é a sua própria santidade. Assim vai-nos transformando para que gozemos da «largura, do comprimento, da altura e da profundidade» do seu coração. Nono artigo da série "Combate, proximidade, missão".

Num dia qualquer em Cafarnaum, uma mulher ficou curada milagrosamente ao tocar a orla do manto de Jesus (cf. Mc 5, 25-34). Sabemos muito pouco dela, mas ainda temos menos informações sobre as multidões que se aproximavam do Senhor com essa mesma esperança: chegar ao seu manto para ficarem curadas das suas enfermidades (cf. Mt 14, 36). E, no entanto, cada um e cada uma eram importantes e únicos para Jesus: como a nós, esperava-os todo o amor de Deus[1].

Nosso Senhor continua a caminhar no meio de nós, deixando-se alcançar, tocar, interpelar. Não atua nas nossas vidas com uma cautelosa «distância de segurança», mas com uma confiada urgência. Os Atos dos Apóstolos mostram-nos como é possível esse contacto desde que, pela sua ressurreição e a sua ascensão, Jesus passou a fazer-se presente de um modo menos percetível à primeira vista, mas realmente muito mais próximo. O seu manto tornou-se acessível na sombra de Pedro: «Traziam os doentes para as ruas e colocavam-nos em enxergas e catres, a fim de que, à passagem de Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles» (At 5, 14-15). É assim: o manto do Senhor subsiste agora na sombra do Apóstolo, convertida em força do Altíssimo que cobre, santifica e cura. O manto de Nosso Senhor e a sombra do Apóstolo: essa é «a *realidade divino-humana* da Igreja»[2], o caminho pelo qual Deus continua a alcançar-nos e a tocar, o lugar da nossa experiência do amor divino, o lugar da nossa santidade.

Tocar o manto do Senhor

Tal como às testemunhas imediatas daqueles milagres, pode surpreender-nos a simplicidade dos canais pelos quais o Coração de Cristo

quer conectar com o nosso. Talvez esperássemos algo mais extraordinário, algo que nos entrasse mais fortemente pelos sentidos. E, todavia, é assim: Deus quer comunicar-nos a sua graça simplesmente tocando no seu manto e deixando-nos alcançar pela sua sombra.

Para poder tocar no Senhor é necessário estarmos dispostos a percorrer mediações com pouco brilho, e inclusive às vezes com mais sombra do que luz; e, no entanto, tal como sucede com os cristais dos vitrais de uma catedral, é através dessas mediações que a luz nos atinge, adquirindo até por vezes tonalidades maravilhosas. A sombra de Pedro pode parecer simplesmente isso, a sombra de Pedro; e, não obstante, aí está Ele, vivo e a atuar.

O manto de Jesus, a sombra de Pedro, são a própria Igreja, que irradia força e luz. Ela é «como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»[3]. Daí que o caminho da nossa santidade passe pelo desejo de nos mantermos muito unidos a Jesus Cristo na sua Igreja, porque a nossa fortaleza está n'Ele, na sua pessoa «sacramentada». São Leão Magno dizia que «aquilo que era visível no nosso Salvador passou para os seus mistérios»[4]. De modo semelhante, São Josemaria via os sacramentos «como marcas das suas pegadas, para pisarmos e podermos chegar ao Céu»[5]. O desafio consiste, assim, em descobrir o poder e a fecundidade que se oculta por debaixo da aparente simplicidade *dessas* palavras e gestos, *desses* rostos e elementos – dessa sombra –, através dos quais o Senhor deseja vir ao nosso encontro hoje.

Uma das coisas que a vida do Senhor nos mostra, é que a sua forma de entrar na nossa existência é a do encontro pessoal. Jesus *toca* no leproso, *olha* para quem chama, *impõe* as mãos aos pequeninos e *faz-se convidado* para a casa de Zaqueu. E estes não são simples episódios do passado, porque Jesus não mudou o seu desejo originário: quer continuar a encontrar-se pessoalmente com cada um. E só assim, através destes bonitos encontros, nos converte, nos atrai para Si.

Sacramentos de humildade

«O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram (…), isso vos anunciamos» (1Jo 1, 3). Estas palavras autobiográficas do apóstolo São João expõem de modo impressionante aquilo que estava dentro do coração dos primeiros cristãos. Os nossos primeiros irmãos na fé não pretenderam transmitir-nos apenas uma reflexão ou uns relatos comoventes sobre Jesus Cristo, nem um guia para estabelecer por nossa conta uma relação com Deus. Comunicaram-nos o mesmo que eles puderam ver, ouvir e tocar; porque sabiam que aquele, e não outro, era o caminho do Senhor para nos transformarmos noutro Cristo.

Trata-se assim de nos encontrarmos realmente com Jesus, mas «nos sacramentos de humildade», como dizia Santo Agostinho[6]. Tal como o Senhor concedeu a vista ao cego de nascimento cobrindo os seus olhos com algo tão precário como a lama, do mesmo modo os deixamos curar no seio da sua Igreja. Por isto amamos a confissão, a Eucaristia, o sacerdócio comum e ministerial, e cada dom sacramental: porque amamos a santa e humilde humanidade de Cristo. Quando recebemos estes dons com fé e esperança, vamo-nos identificando cada vez mais com os sentimentos e afetos de Jesus (Flp 2, 5). Os gestos, os sinais e as palavras que recebemos, vão realizando em nós o prodígio da santidade.

Todavia, tal como sucedeu a Naamã, o sírio, que comparava o pequeno caudal do Jordão aos grandes rios da sua pátria (cf. 2Rs 5, 10-12), também pode surgir em nós o desejo de umas águas mais caudalosas ou especiais do que as dos sacramentos, para alimentar a nossa santidade. Às vezes, pode parecer-nos que os sacramentos não nos mudam, que se trata de um caminho demasiado lento ou rotineiro. E surge, talvez, o sonho de algo mais além deles, de uma experiência espiritual de maior impacto. Pode ser então a hora de redescobrir, juntamente com a simplicidade destes canais, também esse continuo convite que ficou gravado na memória do discípulo amado depois de tantas horas junto ao Senhor: a de *permanecer* n'Ele[7].

Permanecer unidos ao seu manto, mantermo-nos no perímetro da sombra da sua Igreja e dos seus sacramentos, significa redescobrir o valor de *os frequentar*. Essa perseverança atuará em nós, não tanto por uma acumulação de efeitos que possamos captar facilmente, mas por uma progressiva transformação do nosso coração. Assim, ir-nos-emos enchendo

de confiança de que chegará o vinho novo. Que chega, se nos mantivermos sempre unidos à única videira e recebermos do Mestre as únicas palavras de vida eterna. Permanecer no Senhor através dos seus sacramentos é, como tal, uma forma muito bonita de nos abandonarmos nas suas mãos. Sabemos que permanecendo n'Ele permitimos-lhe realizar a sua obra em nós, à sua maneira e ao seu ritmo. E assim, «na nossa vida interior não há outro espetáculo senão esse: é Cristo que passa *quasi in occulto*»[8].

Se nos sacramentos podemos voltar a tocar no manto da sua humanidade, deixar-nos alcançar pela sombra do Apóstolo significa também estar atentos à voz que a Igreja nos dirige. Dela recebemos as palavras de que necessitamos para crescer em santidade. Acolhendo-as e deixando-as atuar com confiança e amor, vamo-nos convertendo naquilo que escutamos.

Podemos deter-nos um momento nas palavras que escutamos, por exemplo, no sacramento da reconciliação. Quem se confessa com frequência poderia ter às vezes a impressão de estar a repetir o mesmo, e de que os conselhos recebidos também não variam demasiado. Isto poderia desanimá-lo e fazer-lhe perder a esperança na fecundidade deste sacramento. Talvez seja o momento de redescobrir as palavras que nos são oferecidas em cada absolvição: que Deus nos concede «o perdão e a paz»[9]. O Senhor, através da sua Igreja, está a confirmar-nos na nossa condição de seres perdoados. E convida-nos a viver em paz, porque o nosso coração já vive na paz do seu.

Mas também ouvimos muitas expressões de graça durante a Santa Missa, começando pela Palavra de Deus, que deve fazer o seu caminho em nós. «Escutamo-la com os ouvidos e ela passa para o coração; não permanece nos ouvidos, mas deve chegar ao coração; e do coração às mãos, às boas obras. Eis o percurso da Palavra de Deus: dos ouvidos ao coração e às mãos»[10]. Também nos fazem especialmente bem as palavras que recebemos durante a consagração, quando o próprio Cristo nos diz que se entrega por nós e que quer *habitar corporalmente* nas nossas vidas. E o que diz, faz: deixa-se tocar e comer, na comunhão eucarística.

Uma força que transforma

Do manto de Nosso Senhor e da sombra de Pedro emerge uma força capaz de curar o corpo; mas, sobretudo, de converter o coração. Quando Cristo nos alcança na sua Igreja e nos deixa tocar no seu manto, a força que sai dele é a sua própria santidade. Assim vai-nos transformando para que Ele viva em nós, e gozemos da «largura, do comprimento, da altura e da profundidade» do seu coração (Ef 3, 18).

Este dilatar o coração leva-nos a fazer nossa aquela experiência de São Paulo: fazer-se «tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo» (1Cor 9, 22). Quando a Igreja se torna realmente o nosso lugar, damo-nos conta de que desejamos com factos que todos possam experimentar o amor de Deus nas suas vidas. «Deus chamou-nos (…) para darmos a conhecer Jesus Cristo a tantas inteligências que nada sabem d'Ele, e – querendo-nos na sua Obra – deu-nos também um modo apostólico de trabalhar, que nos leva à compreensão, ao perdão, à delicada caridade para com todas as almas»[11].

Um bonito sinal de que a força transformadora do coração do Senhor encontra acolhimento em nós, é que começam a desaparecer certas distâncias ou barreiras interiores relativamente aos outros, que antes nos pareciam muito difíceis de superar. Os motivos humanos que estão na origem dessas atitudes, deixam de ser a última palavra e a força do amor de Deus impõe-se em nós. O Senhor amplia-nos o coração de modo que se possa abrir em caridade fraterna para com os homens e em todas as direções. Sentimo-nos em comunhão com todos, de modo que nada do que diz respeito aos outros nos é indiferente.

Jesus quis formar os seus primeiros seguidores nesse espírito. Ao escolher o grupo dos doze, não procurou criar um círculo de pessoas homogéneas, muito pelo contrário. É por isso que, humanamente falando, não faltaram entre eles motivos para a divisão. Foi quase uma provocação convidar para conviver dia após dia pessoas de proveniências, sensibilidades políticas e estratos sociais tão diferentes. E, no entanto, é justamente assim que nasce uma e outra vez a Igreja: quando, por amor ao Senhor e ao Evangelho, os motivos de divisão humanos deixam de ter a última palavra. O amor de Deus triunfa na nossa conduta quando deixamos que a Igreja faça prevalecer em nós o desejo da comunhão por cima da fácil tendência para a divisão.

A santidade que a Igreja suscita na nossa alma manifesta-se por isso também num forte desejo de reconciliação, de perdão e de unidade profunda entre todos os filhos de Deus. A comunhão dos santos deixa assim de ficar reduzida a um ideal, a algo que sabemos ser verdadeiro, mas que se nos apresenta como inalcançável. Experimentamos aquilo que escrevia São Josemaria: «cada um sentirá, à hora da luta interior, e à hora do trabalho profissional, a alegria e a força de não estar só»[12]. Essa união com todos na Igreja converte-se assim numa chamada entusiasmante a que queremos responder com atitudes novas, nascidas do coração de Cristo: «Que vos compreendais, que vos desculpeis, que vos querais, que vos saibais sempre nas mãos de Deus, acompanhados pela sua bondade (…). Nunca vos sintais sós, sempre acompanhados, e estareis sempre firmes: os pés na terra, e o coração para o alto, para saber fazer o bem»[13].

Dar esperança

Juntamente com esta nova capacidade de amar, a força que sai do Senhor e da sua Igreja, move-nos a olhar a realidade através de uma nova lente: a esperança. O Papa Francisco quis precisamente que celebremos o próximo Jubileu da Redenção com esta ideia fundamental[14]. Jesus continua a caminhar através da história e no meio da humanidade. O seu manto é mais extenso do que os nossos olhos podem ver. Embarga-nos a certeza de que o Senhor continua a atuar, tocando e deixando-se alcançar pelos homens no meio da azáfama de um mundo que em tantas coisas parece desorientado. Sem deixar de ver o drama da história, com todo o seu lado de dor e de tragédia, a santidade que a Igreja semeia em nós ajuda-nos a não ceder ao desalento ou à nostalgia perante um mundo aparentemente *pós-cristão*, como se a ampliação ou a redução de certos espaços de influência fossem tudo o que há que esperar como triunfos ou lamentar como derrotas.

«Depois de ter conhecido Jesus, nós só podemos perscrutar a história com confiança e esperança (…). Portanto, não nos fechemos em nós mesmos, não tenhamos saudades de um passado que se presume dourado, mas olhemos sempre para a frente, para um futuro que não é só obra das nossas mãos, mas que antes de tudo é uma preocupação constante da providência de Deus»[15]. A santidade que nasce do seio da Igreja recorda-

nos que o Senhor está a fazer continuamente «novas todas as coisas» (Ap 21, 5). Aí onde alguns poderiam ver unicamente decadência, detetamos, apesar de tudo, o gérmen de uma transformação. Na boda em que o vinho acaba, descobrimos a condição necessária para que chegue o novo, aquele que só Cristo pode trazer.

«O desafio mais importante que tem a Igreja – e a sociedade no seu conjunto – é dar esperança a cada pessoa, especialmente aos jovens, às famílias, e aos que sofrem mais necessidades materiais ou espirituais»[16]. E a esperança que a Igreja deseja inspirar nos nossos corações é a certeza de que o Senhor não deixa de vir em auxílio dos homens; e o que é verdadeiramente definitivo na história é a realidade da nossa redenção, que continua presente e cresce, apesar do joio (Mt 13, 24-52).

* * *

São Josemaria escrevia aos fiéis do Opus Dei que deviam habituar-se a olhar «primeiro e sempre para a Igreja santa»[17]. São palavras que, na realidade, valem para todos os cristãos. Na Igreja, o olhar crente vê o próprio Cristo a viver entre nós. O mesmo que caminhava entre as multidões e que agora se aproxima de nós, nos toca e nos santifica. O olhar de fé vê nela o manto inconfundível de Cristo, que está muito próximo de nós, para nos dar vida e comunicar o seu amor infinito. Com este olhar chega também um sentimento de profunda confiança e afeto, de modo que tudo o que é seu, encontrará sempre no nosso interior «uma atitude de abandono filial esperançado»[18]. Assim receberemos, como nos dizia São Josemaria, «qualquer notícia que nos venha da Esposa de Jesus Cristo»[19]. Porque não duvidamos que dela só podem vir coisas boas, e que cada uma delas se orienta sempre para a mais importante de todas: a nossa santidade.

Nicolás Massmann

NOTAS

[1] «Pergunto-me muitas vezes ao dia: o que acontecerá quando toda a beleza, toda a bondade, toda a maravilha infinita de Deus se derramar neste

pobre vaso de barro que sou eu, que somos todos nós?» (São Josemaria, notas tomadas de uma reunião familiar, 22/10/1960).

[2] Fernando Ocáriz, Mensagem, 21/10/2023.

[3] Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 1.

[4] São Leão Magno, *Sermão* 74, 2; citado no *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1115.

[5] cf. São Josemaria, Tertúlia em Buenos Aires, Argentina, 15/06/1974.

[6] Santo Agostinho, *Confissões* 8, 2, 4.

[7] No Evangelho de São João este verbo aparece repetidamente nos lábios de Jesus; cf. Jo 6, 56; 8, 31; 15, 4-10. Na sua primeira carta, o apóstolo fará eco dessa insistência: cf. 1Jo 2, 6.24.27; 3, 6.24.

[8] São Josemaria,*Amigos de Deus*, n. 152.

[9] cf. *Ritual da penitência*.

[10] Francisco, Audiência, 31-01-2018.

[11] São Josemaria,*Carta* 4, n. 1.

[12] São Josemaria,*Caminho*, n. 545.

[13] São Josemaria,*Em diálogo com o Senhor*, n. 79.

[14] cf. Francisco, *Spes non confundit*, Bula de convocação do Jubileu ordinário do ano 2025.

[15] Francisco, Audiência, 11/10/2017.

[16] Fernando Ocáriz, «*El Opus Dei también desea estar "en salida"*». Entrevista de 03/07/2017, recolhida em opusdei.org.

[17] São Josemaria, *Carta* 18, n. 27.

[18] Fernando Ocáriz, Mensagem, 13/09/2023.

[19] São Josemaria, *Carta* 8, n. 54.

Sumário

opusdei.org

Uma vida que se transmite: «Os vossos anciãos terão...

UMA VIDA QUE SE TRANSMITE: «OS VOSSOS ANCIÃOS TERÃO SONHOS E OS VOSSOS JOVENS TERÃO VISÕES

Quando a relação entre Pai e filhos, e entre gerações, toma a forma de bênção, é possível olhar para o futuro sem medo de nada.

Aí está desde que o coração começa a bater na vida da Igreja: é uma dinâmica que nasce com ela e que, de certo modo, resume a sua própria essência. São Paulo deteta-a em atividades tão centrais como a evangelização ou a celebração da Eucaristia: «Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti», escreve por duas vezes aos de Corinto (cf. 1Cor 11, 23; 15, 3). Não se trata simplesmente da comunicação de um ensinamento: é uma transmissão que traz consigo uma espécie de *geração*. Por isso, lhes diz: «Na verdade, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, porque fui eu que vos gerei em Cristo Jesus, pelo Evangelho» (1Cor 4, 15). O que está em jogo não é uma mera transferência de conhecimento, porque a verdade do cristianismo não consiste numa série de princípios abstratos, mas sim de algo tão concreto como uma Pessoa, uma Pessoa que nos comunica a sua própria vida. Por isso, o mesmo São Paulo escreve aos Gálatas: «Meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós!» (Gl 4, 19).

Na realidade, nada disto é um modo de dizer exclusivo de São Paulo. Também São João se dirige aos fiéis como «filhinhos meus» (cf. 1Jo 2, 1), e São Pedro fala deles como «crianças recém-nascidas» (1Pd 2, 2). Na existência cristã, há um nascimento para uma nova vida, que pede ser transmitida a outras pessoas. É um movimento que tem o seu início no Pai e que se encarna em Jesus Cristo: «Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (Mt 11, 27). Cristo não só revela o Pai, mas também nos entrega o que d'Ele recebeu: Jesus fez-se homem e veio ao mundo para que os que O acolhem «tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10). Receber o cristianismo requer nascer «do Alto», renascer «da água e o Espírito» (Jo 3, 3.5).

A bênção de um pai

A transmissão da Aliança é um dos argumentos-chave que percorrem o Antigo Testamento. Na história dos patriarcas, o momento central dessa transmissão é a bênção do filho por parte do seu pai. É impossível esquecer a cena em que Jacob se adianta ao seu irmão Esaú para receber a bênção de Isaac (cf. Gn 27). Ou aquela outra em que Jacob abençoa um a um os seus doze filhos, anunciando-lhes o que vai ser deles (cf. Gn 49). É igualmente emocionante a passagem em que David abençoa o seu filho Salomão preferindo-o a todos os outros (cf. 1Rs 1-2), e também aquela outra em que Matatias, em tempos de idolatria e de perseguição, abençoa os seus filhos, incumbindo-os de serem zelosos da lei e darem a vida pela Aliança (1Mac 2, 49s).

Em todos estes casos, a bênção do pai transmite ao filho o dom que, por sua vez, recebeu de Deus. Há diferentes orações deste tipo. É muito bela, por exemplo, a que Isaac pronuncia sobre Jacob. Quando este se aproxima do pai e o beija, Isaac apercebe-se do cheiro da sua vestimenta, e exclama: «O odor do meu filho é como odor de um campo abençoado pelo Senhor. Que Deus te conceda o orvalho do céu e a fertilidade da terra, trigo e mosto em abundância! Que os povos te sirvam e as nações se prostrem na tua presença! Sê o senhor dos teus irmãos; diante de ti se curvem os filhos da tua mãe! Maldito seja quem te amaldiçoar, e bendito seja quem te abençoar» (Gn 27, 27-29).

Outras orações de bênção têm uma estrutura semelhante. O pai *reconhece* no filho alguém que recebeu de Deus os dons necessários para manter viva a Aliança; *roga a Deus* que lhe conceda o seu favor, porque intui que a sua vida estará exposta a múltiplas dificuldades; e finalmente *transmite-lhe* por completo o dom que recebeu, a par com a responsabilidade que lhe está associada. Ora bem, enquanto no caso dos patriarcas e dos monarcas a bênção tem lugar só no fim da vida, noutros casos adianta-se. No livro de Tobias, por exemplo, a bênção dá-se quando o filho de Tobite se deve encarregar do futuro da casa familiar. O pai transmite-lhe essa responsabilidade, acompanhando-a de conselhos que são um exemplo de sabedoria (cf. Tb 4).

No Novo Testamento, o que se comunica não é já a promessa da Aliança, mas a sua realidade: o dom da Salvação e a missão de a levar a

todos os cantos da terra. A paternidade já não é a do sangue, e a transmissão adianta-se no tempo. Paulo, por exemplo, deixa nas mãos de Timóteo e de Tito algum das Igrejas que ele próprio fundara. Numa das cartas que escreve ao primeiro, apresenta-se como apóstolo, eleito imerecidamente: Cristo, escreve, «me confortou, me considerou digno de confiança, pondo-me ao seu serviço» (1Tm 1, 12). E é isso que transmite ao jovem: «Esta é a recomendação que te confio, meu filho Timóteo, de acordo com o que predisseram algumas profecias a teu respeito: apoiado nelas, combate o bom combate» (1Tm 1, 18). Toda a carta tem um tom de bênção paterna, cheia de sábios conselhos e também de demonstrações de ânimo, pois muitos consideravam que Timóteo era demasiado jovem para desempenhar aquela tarefa (cf. 1Tm 4, 12). A leitura das chamadas «Cartas pastorais» de São Paulo é uma fonte contínua de inspiração para qualquer pessoa que chega a esse momento de transmissão – de tradição – da própria fé e da própria missão.

Um *Padre* no Opus Dei

Quando São Josemaria se enfrentou com a difícil questão da sua própria sepultura, pediu que sobre a lousa, muito simples, fossem gravadas as palavras: *Peccator – Orate pro eo*[1]. Embora, ao ver a cara que fizeram os arquitetos, tenha acrescentado a sorrir: «Se quiserdes, podeis acrescentar estas outras palavras:*genuit filios et filias*»[2]. Se a primeira expressão nascia da consciência da sua própria condição, a segunda tinha a ver com a fecundidade que Deus tinha dado à sua vida, e que contemplava maravilhado.

Desde muito novo, São Josemaria tivera consciência de estar chamado a ser «pai, mestre e guia de santos»[3]. Era esse o modo como devia difundir a luz que recebera do Senhor: «mesmo recolhendo fielmente o espírito do Opus Dei, o direito da Obra seria letra morta se o Fundador não tivesse transmitido algo vivo: um estilo, uma tradição, uma espiritualidade que desse continuidade histórica a esse modo de santificar-se»[4]. Daí o esforço que empregou para facilitar que os seus filhos fossem incorporando essa vida; e daí também o seu desejo de que muitas pessoas pudessem passar pelo Colégio Romano, já desde o final dos anos quarenta. Um simples episódio desses anos é ilustrativo. Numa tertúlia em Roma com um grupo

de membros do Opus Dei, começou a falar-se de livros. O Pe. Álvaro ia publicar um estudo, e São Josemaria comentou também algumas publicações que tinha em mente. De repente, deu uma viragem surpreendente à conversa. Referindo-se aos que estavam com ele, disse: «Olha que biblioteca! São estas as minhas obras!»[5].

Formava os seus filhos de acordo com o espírito que ele próprio tinha recebido, e, ao mesmo tempo, tinha para com eles o gesto paterno de deixar esse dom nas suas mãos. Já nos primeiros anos, quando se vivia em Espanha um clima de perseguição religiosa, perguntava aos jovens que o seguiam: «Se eu morrer, continuas com a Obra?»[6]. Era um modo de compartilhar com eles a responsabilidade que Deus tinha posto sobre os seus ombros. Mais tarde, chegado o momento de levar o carisma do Opus Dei a novos países, enviaria filhas e filhos seus com meios muito modestos e canais de comunicação com muita frequência precários; ou seja, com uma enorme confiança em que saberiam levar a toda a parte o mesmo espírito que tinham recebido.

Por último, é bem conhecido quanto sofreu, durante os últimos anos da sua vida, perante a crise em que estava a entrar o mundo, e, em especial, a Igreja. Punha-se tudo em dúvida, criticava-se tudo, queria deixar-se tudo para trás. É significativo que nesse momento histórico se tenha querido rodear em Roma de gente nova. Afinal de contas, eles tinham nascido com esse tempo: eram quem melhor podia sintonizar com o que havia de bom na sua época e quem podia encaminhar do melhor modo os desejos de renovação. Talvez por isso os tenha chamado, porque sobre eles descansava o futuro. Muitos recordam o gesto que costumava fazer, pondo as mãos sobre os ombros de alguns daqueles rapazes, dizendo-lhes, entretanto: «Apoio-me em ti». Era um modo de lhes dizer que deixava nas suas mãos o que tinha recebido de Deus. Exprimia isto de mil modos, com os diretores e as diretoras, mas também com pessoas recentemente incorporadas à Obra[7]. Era uma expressão mais da paternidade que Deus lhe tinha concedido.

Uma paternidade que se transmite

Esta paternidade torna-se inesquecível para os que a experimentaram na primeira pessoa; mas também faz parte da herança que São Josemaria quis

deixar aos seus filhos. De facto, qualquer pessoa que tenha atingido uma certa maturidade, quem tiver algo a transmitir ao mundo, percebe em si uma forma de paternidade. O fundador do Opus Dei promoveu desde muito novo essa consciência nos que o rodeavam. Um âmbito em que o fez com uma especial clareza foi a docência. Em *Sulco*, por exemplo, está anotado um conselho que vem de longe: «Professor: que te entusiasme fazer compreender aos alunos, em pouco tempo, o que a ti te custou horas de estudo a ver com clareza.[8]. É bonito, neste sentido, o que escrevia Álvaro d'Ors, supranumerário, catedrático de Direito Romano, numas notas pessoais. Ao longo da sua vida, tinha formado muitos romanistas. Recordando os seus discípulos, e especialmente os que ocupavam nessa altura as cátedras de que ele próprio tinha sido detentor, comentava: «Ter sucessão é sempre motivo de satisfação. Morrer sem herdeiro é tão triste ou mais do que não ter que herdar»[9].

O mesmo se aplica a tantas outras profissões, pelo menos às que transmitem algum tipo de herança cultural, técnica, etc. São Josemaria referia-o também, e de modo especial, a quem recebe algum encargo de governo na Obra. Pedro Casciaro recordava como lhes insistia em «que tinham o dever moral de não se tornarem insubstituíveis»[10]. Como exemplo negativo, costumava dar um que tinha conhecido quando era novo. Recolheu-o na Carta que escreveu aos diretores: «Recordo – como caso pitoresco – o de um cozinheiro de um seminário, em que alguma vez tive que parar, durante as minhas viagens de trabalho sacerdotal por Espanha. Aquele homem, quando preparava algum prato que considerava extraordinário – realmente, não era –, mandava os ajudantes sair da cozinha, para não aprenderem a receita»[11]. De modo positivo, indicava que o diretor devia ser «ao mesmo tempo um descobridor, um formador, um distribuidor de pessoas»[12].

Mas não só os diretores e diretoras: todos estamos chamados a viver a paternidade que leva a saber-nos herdeiros de um grande dom, e, ao mesmo tempo, responsáveis por transmiti-lo, como vida, à geração seguinte. Como fazê-lo? Talvez primeiro, por estar na base de tudo o resto, recordando que a Igreja é *comunhão*: comunhão com a Trindade e comunhão entre pessoas humanas. O prelado do Opus Dei recordou-o recentemente a respeito da Obra: «Pensar em comunhão de pessoas é pensar em comunhão de

liberdades, comunhão de iniciativas pessoais que também são “fazer o Opus Dei”, e comunhão de gerações»[13]. Estas liberdades, iniciativas e gerações encontram-se unidas em comunhão, e cada uma delas desempenha um papel insubstituível. Quando existe uma origem, uma herança e uma missão comum, a comunhão dá lugar, simultaneamente, a manifestações de unidade e de pluralidade[14]. Isso pode levar a incompreensões, e até a tensões, que são comuns dentro e fora da Igreja. De facto, no plano sociológico, apontou-se recentemente a velocidade com que se estão a realizar nos últimos anos as diferenças entre gerações[15]. No entanto, sobre a consciência de fazer parte de uma comunhão, as diferenças podem conciliar-se pela via do amor, da caridade. São Josemaria escreveu que «mais do que em “dar”, a caridade está em “compreender”»[16]. Num encontro recente com famílias, o prelado comentava esse ensinamento assinalando que a compreensão não consiste, em primeiro lugar, em desculpar os defeitos ou aceitar as diferenças, mas em «compreender o positivo», isto é, ver o que há de bom numa pessoa, o bem de que é capaz, e valorizá-lo. E acrescentava: «Encontramo-lo sempre, se for o amor que nos move»[17]. Descobre-se assim o valor que há nos outros, e é então possível confiar nele. Efetivamente, valorizar – *afirmar* – é o primeiro modo de amar, e é-o de modo especial para uma mãe, para um pai.

Como numa grande sinfonia

Assimilar e encarnar um carisma não ocorre de maneira automática, nem sequer espontânea. Por isso, a Igreja prevê para as pessoas períodos mais intensos de formação e discernimento, de maturação. Ao mesmo tempo, uma vez verificada a maturidade de uma pessoa, é preciso não perder de vista que não está chamada a ser uma espécie de fotocópia de ninguém. Todo o carisma verdadeiramente vivo manifesta-se numa sadia pluralidade de estilos, como a que havia entre os apóstolos ou a que há entre as santas e santos ao longo da história, mesmo dentro de um mesmo caminho vocacional. Aprender a ver o valor que pode ter cada modo diferente de ver e de viver é que é decisivo, o bem que *é* cada um deles. Quando isso sucede no seio de uma comunhão de fé, o clima de convivência entre pessoas e gerações torna-se uma bênção comum: os jovens olham para os mais velhos com agradecimento, e os mais velhos

para os jovens com serenidade e confiança. E isto agora referido, resulta mais fácil quando se viveu a paternidade espiritual, porque de facto o pai não substitui o filho; gera-o, educa-o, ajuda-o a crescer… acompanha-o para que floresça e possa pegar nas rédeas da própria vida, e da vida que um e outro receberam.

Finalmente, dentro desta comunhão, cada um é chamado a descobrir a sua função própria, como numa grande sinfonia. O Papa Francisco costuma citar a este respeito as palavras do profeta Joel: «Derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade e os vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões» (Jl 3, 1; cf. At 2, 17). Numa certa altura, comentou-o assim: «Se os jovens e os idosos se abrirem ao Espírito Santo, (..) produzem uma combinação maravilhosa»[18] em que ambos crescem. Uns transmitem o enraizamento num passado em que Deus atuou; os outros, alimentados por essas raízes, abrem o futuro. Assim, «se caminharmos juntos, jovens e idosos, poderemos estar bem enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças»[19].

Perante o desenrolar da salvação na história, cada geração desempenha um papel próprio e insubstituível. Como numa sinfonia: o violino não pode fazer a parte dos timbales, nem os metais podem substituir as madeiras. O determinante é que, enquanto cada um interpreta a parte que lhe corresponde, todos se mantenham unidos numa obra que é comum, e em que cada pessoa é valiosa. Daí a importância de conhecer-se, de compartilhar tempos e lugares, de interessar-se pelos outros. Também entre as diferentes gerações se dá o que o prelado do Opus Dei indicava numa das suas cartas: «A fraternidade, de uma simples relação baseada na filiação comum, transforma-se em amizade pelo afeto entre irmãos, com tudo o que traz de interesse mútuo, compreensão, comunicação, serviço atento e delicado, ajuda material, etc.»[20], e tudo isto a partir da consciência da própria paternidade e da própria filiação.

* * *

A transmissão – a geração – está no coração da Igreja. Da mesma maneira que Jesus veio do Pai e pôs nas mãos dos seus discípulos a salvação, a cada geração corresponde transmitir essa herança cheia de Vida. «O odor do meu filho é como odor de um campo abençoado pelo Senhor», dizia Isaac ao abençoar o seu filho. São Josemaria far-se-ia eco destas palavras ao falar da Obra como «um campo abençoado»[21]. Com esta expressão, que repetiu muitas vezes, e com frequência diante dos seus filhos mais novos, transmitia a todos a sua confiança e demonstrava um sadio orgulho paterno[22]. Quando a relação entre Pai e filhos, e entre gerações, toma a forma de bênção, é possível olhar para o futuro sem medo de nada. Brilham então a filiação e a fraternidade, da consciência de uma mesma vocação divina, que se transmite de geração em geração.

NOTAS

[1] «Pecador – rezai por ele».(N.T.)

[2] «gerou filhos e filhas»: cf. Pilar Urbano, *El hombre de Villa Tevere*, Barcelona, Plaza & Janés, 1995, p. 200.

[3] São Josemaria, *Apuntes íntimos*, n. 1725, em Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. I, Madrid, Rialp 1997, p. 554 (versão portuguesa: *Josemaria Escrivá*, Lisboa 2002).

[4] Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. III, Madrid, Rialp 2003, p. 396. (versão portuguesa: *Josemaria Escrivá*, Lisboa 2003).

[5] *Ibid*, p. 396-397.

[6] Salvador Bernal, *Monseñor Josemaría Escrivá de Balaguer. Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*, Madrid, Rialp 1980, 6ª ed., p. 356.

[7] D. Julián Herranz recorda alguns modos simpáticos que São Josemaria utilizava para recordar que ele partia, mas que a Obra iria continuar; cf. Julián Herranz, *En las afueras de Jericó*, Madrid, Rialp 2007, p. 173-174.

[8] São Josemaria, *Sulco*, n. 229.

[9] Texto inédito, citado em G. Pérez Gómez, *Álvaro d'Ors. Sinfonía de una vida*, Madrid, Rialp 2020, p. 539.

[10] Pedro Casciaro, *Soñad y os quedaréis cortos*, Rialp, Madrid 1994, p. 172-173 (versão em português do Brasil: *Sonhai e ficareis aquém*, Ed. Quadrante).

[11] São Josemaria, *Carta* 27, n. 52; cit. em Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. III, Madrid: Rialp 2003, p. 304, nota 158.

[12] São Josemaria, *Instrucción 31/05/1936*, n. 20, cit. em Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. III, Madrid, Rialp 2003, p. 303.

[13] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 10/02/2024, n. 13.

[14] cf. Dicastário para a Doutrina da Fé, Carta *Communionis Notio*, 28/05/1992, n. 15.

[15] por exemplo, um estudo recente identificou até seis gerações, que convivem na atualidade; cf. J. Twenge, *Generations*, Nova Iorque, Atria Books 2023.

[16] São Josemaria, *Caminho*, n. 463.

[17] Fernando Ocáriz, Encontro com famílias, 16/07/2024.

[18] Francisco, *Christus vivit*, n. 192.

[19] *Ibid.*, n. 199.

[20] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 14.

[21] São Josemaria, *Carta* 29, n. 9, precisamente referido ao texto de Gn 27, 27.

[22] cf. por exemplo, a homilia «Os sonhos realizaram-se», pronunciada em 9 de janeiro de 1968 para os jovens do Colégio Romano e publicada em *Em*

diálogo com o Senhor, n. 48 (edições Lucerna, Cascais, 2023.

opusdei.org

«Em casa e a caminho, deitado e levantado»: o...

«Em casa e a caminho, deitado e levantado»: o plano de vida (I)

O plano de vida espiritual, mais do que um «sistema», é o compromisso com uma relação: a de um filho com o seu Pai. E essa relação é o núcleo da santidade. Editorial da série "Combate, proximidade, missão".

«Escuta»: assim começa uma das grandes orações do Antigo Testamento, conhecida como *Shema Israel*. É recolhida pelo livro do Deuteronómio, e Jesus cita-a em resposta à pergunta sobre o primeiro e o maior dos mandamentos: «Escuta, Israel: o Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 4-5; Mc 12, 29-30). Mas a oração não se limita a este mandamento; detém-se também na importância das ações práticas diárias, para manter o coração e a mente em sintonia com Deus:

«Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração. Repeti-los-ás aos teus filhos e refletirás sobre eles, tanto sentado em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar. Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço e usá-los-ás como filactérias entre os teus olhos. Escrevê-los-ás sobre as ombreiras da tua casa e nas tuas portas» (Dt 6, 6-9).

Para um cristão, esta é uma chamada forte a viver com o coração em constante diálogo com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Os santos e os autores de espiritualidade propuseram sempre modos concretos de alimentar esse diálogo, como dedicar um tempo à oração e à leitura espiritual, frequentar a Eucaristia, rezar o terço e terminar o dia com um exame de consciência. Com esse mesmo sentido prático, São Josemaria começou a falar desde muito cedo de plano de vida espiritual; ou mais simplesmente, como era habitual chamá-lo nessa época, "plano de vida"[1].

Metas, objetivos e processos

Numa das suas cartas a Timóteo, São Paulo anima o seu jovem discípulo a viver uma vida de piedade e santidade com espírito desportivo: «Exercita-te na piedade. O exercício físico de pouco serve, mas a piedade é

útil para tudo, pois tem a promessa da vida presente e da futura» (1Tm 4, 7-8). Também noutras cartas, São Paulo recorda aos seus ouvintes que Deus quer que colaboremos com a sua graça; e, novamente, compara a nossa correspondência com o desporto: «Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, para o alcançardes» (1Cor 9, 24; cf. Flp 3, 13-14; 2Tm 4, 7-8).

No desporto, como em muitos outros âmbitos da vida, é importante fixar metas e objetivos. Se alguém vai ao ginásio só para olhar à sua volta e fazer a primeira coisa de que se lembra, provavelmente está a perder tempo e depressa acabará por se aborrecer ou, pior ainda, por se magoar. O mesmo se pode dizer da aprendizagem de algo importante, do desenvolvimento de um projeto, ou do lançamento de um negócio. Sem metas nem objetivos, é fácil desorientar-se e distrair-se, e desperdiçar o investimento. Por isso, quando olhamos para a nossa vida como Deus a vê – ou seja, com todas as pequenas coisas que a compõem, e simultaneamente em toda a sua dimensão e profundidade –, também precisamos de um objetivo claro: conseguir ser santos, guiados e «inundados» pela graça[2], e ajudar muitas outras pessoas a encontrar e desfrutar da felicidade da vida em Deus.

Fixar-se metas e objetivos claros tem, contudo, as suas limitações. Por exemplo, para ganhar um campeonato, desenvolver um negócio de êxito ou obter boas notas, não basta ter consciência do que queremos. Os bons resultados requerem não só ter em vista objetivos ambiciosos, mas também contar com o sistema adequado. Para um treinador, por exemplo, o sistema é a forma como os jogadores são contratados e os treinos conduzidos. Para um empresário, o sistema é a forma como se contratam os empregados, se desenvolvem ideias de produtos e se lançam as campanhas de marketing. Para um estudante, o sistema é o modo como tira apontamentos, segue um plano de leitura e se prepara para os exames.

Na vida espiritual, ter um plano de vida concreto é como ter um «sistema» para facilitar (mesmo que só fosse para eliminar obstáculos) a ação do Espírito Santo, que é quem nos guia e transforma (cf. Rm 8, 14-17; 2Cor 3, 18). «O convite à santidade, feito por Jesus Cristo a todos os homens sem exceção, exige que cada um de nós cultive a vida interior, exercite diariamente nas virtudes cristãs»[3]. Ter como meta clara viver e

crescer em santidade é necessário para começar a caminhar nessa direção. Mas se nos centrássemos só na meta, rapidamente desanimaríamos. À luz da nossa inconstância e da nossa debilidade, poderíamos impacientar-nos facilmente connosco próprios, ou inclusive com Deus, pensando que não somos suficientemente bons ou que Deus nunca quis que sonhássemos tão alto. São Paulo, por exemplo, anima-nos a orar sem cessar (cf. 1Ts 5, 17). No entanto, é necessário pensar como conseguir algo assim de maneira realista e sustentável; seria difícil, por exemplo, rezar sempre da mesma forma, assim como é difícil, ou pelo menos pouco saudável, alimentar-se à base de um único alimento.

São Josemaria recomendava-nos por isso a ser fiéis ao plano de vida, que constitui uma «dieta espiritual» especialmente concebida e equilibrada para pessoas comuns: «aquele que cumpre as nossas Normas de vida – que luta por cumpri-las –, seja com saúde, seja doente, na juventude e na velhice, quando há sol e quando há tempestade, quando não lhe custa cumprir e quando lhe custa, esse meu filho está predestinado, se perseverar até ao fim: estou certo da sua santidade»[4].

Esta fidelidade não é comparável, todavia, à aplicação do estudante que obtém boas notas porque dedica tempo ao estudo. No terreno da graça, apesar de o esforço pessoal ter importância, as coisas são um pouco diferentes do caso da natureza. Já recebemos em abundância como um dom a santidade, a grandeza a que Deus nos chama, e Ele continua a dar-nos só como algo gratuito, em especial através dos sacramentos. Por isso, mais do que força heroica, o que se exige é uma grande humildade: pobreza de espírito e agradecimento por tudo o que Deus nos dá. Ele quer ter cada vez mais intimidade e sintonia connosco, que nos apoiemos sobretudo n'Ele e que nos deixemos transformar pela sua graça. E esforçar-se por manter uma vida de diálogo contínuo com um Deus que habita já no nosso interior, é a própria essência da santidade. Deste ponto de vista, o plano de vida espiritual não é de forma alguma um sistema; é, pelo contrário, o compromisso, profundamente enraizado em nós, com uma relação: a de um filho com o seu Pai. E *essa relação* é o núcleo da santidade.

Guiados pelo Espírito

O inevitável esforço que exige seguir um plano de vida acarreta alguns riscos diante dos quais convém estar prevenido. Um deles é colocar demasiada atenção no cumprimento do plano em si mesmo e muito pouco na relação que o plano pretende fomentar. Dito de outra forma, podemos esquecer que a santidade pessoal não é o resultado de uma série de coisas que fazemos, mas uma transformação que só o Espírito Santo pode produzir em cada um de nós: «Frequenta o convívio do Espírito Santo – o Grande Desconhecido – que é Quem te há de santificar. Não esqueças de que és templo de Deus. – O Paráclito está no centro da tua alma: ouve-o e segue docilmente as Suas inspirações»[5].

O papel do Espírito Santo não consiste simplesmente em ajudar-nos e auxiliar-nos nos nossos esforços por ser santos; pensá-lo assim seria ver as coisas ao contrário. Ele é o primeiro motor, o guia, a própria arquitetura da nossa santidade[6]. Poderíamos inclusive dizer que é impossível crescer em santidade simplesmente concebendo um plano. Não só porque o empreendimento está acima das nossas forças, mas também porque não sabemos muito bem em que consiste nem que forma deveria ter a nossa santidade: sucede que, à medida que avançamos na vida (às vezes até ao longo do dia!), se acaba por revelar como algo muito diferente – muito melhor e mais bonito – do que imaginávamos no princípio. Por isso, apegar-se a uma ideia demasiado definida da «nossa santidade» poderia até converter-se num obstáculo à ação do Espírito Santo na nossa alma.

Naturalmente, nas vidas dos santos há muitos elementos em comum, porque a santidade é a obra de arte do Espírito Santo, que vai formando Cristo em nós e nos vai levando para o Pai (cf. Rm 8, 9-16; Ef 2, 18). Aliás, o mesmo Espírito inspirou vários carismas e espiritualidades na Igreja, proporcionando caminhos concretos que podemos seguir. No entanto, mesmo uma vocação específica na Igreja – como seja a vocação à Obra, ou a pertença a qualquer outra família espiritual – não esgota a criatividade do Espírito Santo nem elimina os traços únicos de cada pessoa. Pelo contrário, cada um destes caminhos oferece os meios para purificar e elevar esses traços. Por isso nos escreveu o Prelado do Opus Dei que «o espírito da Obra, como o Evangelho, não se sobrepõe ao nosso ser, mas dá-lhe vida: é uma semente destinada a crescer na terra de cada um»[7].

São Josemaria tinha muita consciência disto quando pensou no plano de vida espiritual para os seus filhos no Opus Dei. Sem minimizar as práticas concretas de piedade, escreveu: «Não se devem transformar em normas rígidas ou em compartimentos estanques. Indicam um itinerário flexível, acomodado à tua condição de homem que vive no meio da rua, com um trabalho profissional intenso, e com deveres e relações sociais que não podes descuidar, porque é nessas ocupações que prossegue o teu encontro com Deus. O teu plano de vida há de ser como uma luva de borracha que se adapta perfeitamente à mão de quem a usa»[8]. Também nesse sentido, costumava dizer que na Obra «se pode andar pelo caminho de muitas maneiras. Pela direita, pela esquerda, em *ziguezague*, a pé, a cavalo. Há cem mil maneiras de andar pelo caminho divino: de acordo com as circunstâncias, seguir um ou outro desses procedimentos será obrigatório para cada um, porque assim lho manda a sua consciência. A única coisa necessária é não sair do caminho»[9].

Mas precisamente porque a nossa santidade é algo mais belo e pessoal do que qualquer protocolo genérico, um plano de vida espiritual é precisamente um *meio* de santidade. Os momentos diários de oração e de leitura espiritual, a receção frequente dos sacramentos, a direção e a formação espiritual constante… todas estas coisas têm uma enorme importância, apesar de a santidade não consistir somente em realizá-las. São formas pelas quais nos mantemos em diálogo constante com Deus, nos vamos familiarizando com a sua presença invisível na nossa vida, escutamo-lo e dispomo-nos a seguir docilmente as suas inspirações; formas que, em suma, nos levam a «permanecer no seu amor» (cf. Jo 15, 9).

A distinção entre estes meios e a primazia da ação do Espírito Santo deveria refletir-se também na direção espiritual que recebemos e que oferecemos aos outros. Sobretudo quando começamos a andar pelo caminho, precisamos de nos esforçar por adquirir hábitos que consolidem o nosso plano de vida espiritual. Mas logo desde o princípio, e cada vez mais, temos de prestar atenção também a aspetos mais pessoais e relacionais: Que me diz o Espírito Santo? Há diálogo e afeto na minha oração? Procuro verdadeiramente o Senhor? Onde esteve o meu coração durante a Santa Missa ou quando rezo o Santo Rosário? A minha leitura diária do Evangelho é um encontro com Jesus? A minha visita ao Santíssimo foi uma

visita a alguém que amo? Procurei corresponder às inspirações do Espírito Santo?

Quanto mais dóceis formos à suave ação do Espírito Santo no nosso coração, mais paz e alegria encontraremos ao viver o nosso plano de vida. Para ilustrá-lo de modo gráfico, dar-nos-emos conta de que Deus quer que sejamos treinadores que sonham alto, mas que também amam o jogo e os seus jogadores; como empresários que desfrutam da aventura empresarial e querem servir os outros e fazer prosperar os seus empregados; ou como estudantes que desfrutam aprendendo e descobrindo novos campos de conhecimento. Por esse caminho quis sempre levar-nos São Josemaria: «Deixa-te levar pela graça! Deixa o teu coração voar! Porque se é verdade que o coração do homem está inclinado para coisas baixas, também tem asas para voar alto, até ao Coração de Deus»[10].

Oskari Juurikkala

---

[1] cf. São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 149-153; E. Álvarez, «*Plan de vida*», em *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, Burgos, Monte Carmelo, 2013 (entrada disponível em opusdei.org/es/article/plan-de-vida-opus-dei-diccionario-san-josemaria).

[2] «Quantas vezes te verás inundado, ébrio de graça de Deus: que grande pecado, se não corresponderes!» (São Josemaria, *Forja*, n. 1007).

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 3.

[4] São Josemaria, *Carta* 2, n. 59.

[5] São Josemaria, *Caminho*, n. 57.

[6] cf. Jacques Philippe, *En la escuela del Espíritu Santo*, Madrid, Rialp, 2017, cap. 1.

[7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 11.

[8] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 149.

[9] São Josemaria, *Carta* 10, n. 19.

[10] São Josemaria, Apontamentos de uma reunião familiar em Santiago de Chile, 29/06/1974, citado em *Catequesis en América* (1974), vol II, p. 45 (AGP, biblioteca, P04).

opusdei.org

Edificar sobre rocha: o plano de vida espiritual...

Edificar sobre rocha: o plano de vida espiritual (II)

O caminho que percorremos junto de Deus está marcado tanto por tempos de bonança como por dificuldades e fadigas. As práticas cristãs, que formam o plano de vida, animam-nos e oferecem segurança nesta aventura. Sobretudo, ajudam-nos a redescobrir que o Senhor permanece sempre ao nosso lado.

Leia a primeira parte deste editorial: *«Em casa e a caminho, deitado e levantado»: o plano de vida (I)*

Durante os seus anos em Nazaré, Jesus conheceu a fundo o trabalho manual; talvez inclusive o da construção. São Mateus dá-nos a entender isso quando, no final do Sermão da montanha, recolhe uma comparação de que o Mestre se serviu uma vez para explicar como devíamos assimilar os seus ensinamentos. Jesus fala de dois tipos de construtores: um que edifica a sua casa sobre a areia, e outro que escolhe edificar sobre a rocha (cf. Mt 7, 24-27). As casas são aparentemente semelhantes, porque ambas estão construídas a partir das mesmas palavras de Jesus, mas o tempo revelará até que ponto uma é muito mais frágil do que a outra. Quando chegam as dificuldades – quando cai a chuva, chegam as inundações e os ventos sopram e atingem a casa –, torna-se mais evidente de que não basta ter uma noção abstrata e teórica da vida cristã: ficar aí seria como edificar sobre a areia. Por isso, precisamos de frequentar Jesus, manter um contacto assíduo com Ele: acostumar-nos a ouvi-l'O atentamente na oração, e cultivar outros hábitos estáveis, duradouros, que nos ajudarão a pôr em prática as suas palavras. Assim poderemos viver d'Ele, não só nos tempos de bonança, como também nos momentos em que a nossa fé e as nossas convicções forem postas à prova.

São Josemaria expressava algo muito semelhante a partir de uma lembrança de infância, que se aproxima da vida interior a partir da imagem do caminho: «Ficaram bem gravados na minha cabeça de menino aqueles sinais que, nas montanhas da minha terra, colocavam nas bermas dos caminhos. Chamaram-me a atenção uns paus altos, geralmente pintados de

vermelho. Explicaram-me então que, quando a neve cai e cobre os caminhos, sementeiras e pastos, bosques, rochedos e barrancos, essas estacas saltam à vista como pontos de referência seguros. E assim toda a gente sabe por onde vai o caminho». Na vida de um cristão, continuava, acontece uma coisa parecida: «Há primaveras e verões, mas também chegam os invernos, dias sem sol e noites órfãs de lua. Não podemos permitir que a intimidade com Jesus Cristo dependa do nosso estado de espírito ou das mudanças do nosso carácter». E é precisamente nesses momentos mais difíceis, concluía, que um plano de vida espiritual se torna mais necessário: essas práticas, «bem arreigadas e ajustadas às circunstâncias próprias de cada um, serão como os tais paus pintados de vermelho, que continuam a marcar-nos o rumo, até que o Senhor decida que brilhe de novo o sol, se derreta o gelo e o coração volte a vibrar, inflamado com um fogo que, na realidade, nunca esteve apagado – foi apenas um rescaldo oculto pela cinza de uma temporada de provação, de menos empenho ou de reduzido sacrifício»[1].

Crescer nas crises

É muito normal que, no decorrer da vida, uma pessoa tenha de atravessar momentos de crises, de maior ou menor importância[2]. Sucede, por exemplo, que os jovens se entusiasmam com grandes ideais e se lançam à aventura sem refletir muito; ao adquirir mais experiência, no entanto, desanimam: constatam como é difícil mudar o mundo, ou mesmo simplesmente mudar-se a si mesmo; ou surpreendem-se pela facilidade com que as suas emoções, anteriormente fortes e que talvez considerassem ser garantia da estabilidade das suas convicções, cedem perante novas circunstâncias. Também há momentos da vida, pontos de viragem como a chegada da idade adulta ou da reforma, em que naturalmente se tem tendência a fazer um balanço do caminho percorrido, e em que passam para primeiro plano os fracassos, as deceções, o que podia ter sido e não foi; pode então tornar-se difícil aceitar a própria história, turva-se talvez a vista para valorizar e agradecer tantas coisas boas, e procura-se consolo no que São Josemaria chamou, com um jogo de palavras intraduzíveis, a *mística do oxalá*: «oxalá não me tivesse casado, oxalá não tivesse essa profissão, oxalá tivesse mais saúde, ou menos anos, ou mais tempo!»[3].

Estas e outras crises semelhantes não são – não deveriam ser – momentos sem Deus: também aí, até mais ainda, o Senhor está perto de nós e continua a dar-se sem medida. Por isto, as crises são oportunidades importantes para crescer na relação com Deus, que pode fazer florescer o deserto e extrair fruto da terra árida (Is 35, 1). O idealismo juvenil pode ser purificado e elevado pela graça, mas precisa de amadurecer para chegar a ser verdadeiramente sobrenatural. Os contratempos e as deceções não nos devem converter em cínicos «realistas», porque o simples conhecimento das nossas limitações naturais está longe de ser toda a verdade sobre nós próprios e sobre a história humana. Estes momentos, que podem ser duros, são lugares de amadurecimento, em que o Senhor nos quer dilatar o coração. Um escritor francês disse-o de modo eloquente: «O homem tem lugares no seu pobre coração que não começam a existir até que a dor entra neles, de modo que possam *ser*»[4].

Do mesmo modo que o amor humano se constrói e se aprofunda passando tempo juntos (sofrendo juntos!), assim o nosso amor a Deus se fortalece e se renova pela frequência, pela «união com Cristo no Pão e na Palavra, na Sagrada Hóstia e na oração»[5], nas suas diferentes modalidades: adoração silenciosa, diálogo confiado, exame de consciência, oração vocal, etc. Estes e outros hábitos semelhantes não são uma lista entediante de coisas para fazer, mas *encontros* que despertam, avivam e enriquecem a relação com Deus, e, a partir dela, as relações com os outros, que se tornam mais fortes e profundas.

Com o coração aberto a Deus

«Com o mesmo coração com que amei os meus pais e amo os meus amigos, com esse mesmo coração amo Cristo, e o Pai, o Espírito Santo e Santa Maria»[6]. A vida espiritual é fundamentalmente uma relação de amor, e por isso a beleza e os desafios do amor humano são como um livro aberto para compreender melhor os seus dinamismos. Assim, por exemplo, quando o compromisso de um casal se debilita, pode ser em parte porque marido e mulher se foram distanciando progressivamente. Trata-se de um perigo constante numa relação estreita: que ambos não amadureçam e cresçam juntos, porque a vida de cada um adquire novas dimensões que não

são partilhadas com a outra pessoa, e que não são integradas na sua aventura comum.

Algo de semelhante pode acontecer na nossa vida espiritual. Deus não muda, mas nós, sim; e é necessário partilharmos com Ele, num diálogo íntimo e contínuo, tudo o que nos acontece e nos habita, desde os êxitos ou fracassos profissionais até aos nossos *hobbies* e assuntos familiares: viver todas as coisas «com o coração aberto para Deus, de maneira que o trabalho, também na doença, inclusive na dificuldade, esteja aberto a Deus»[7]. Assim, à medida que avançamos pela vida, o Senhor poderá revelar-nos novas dimensões dos tesouros de sabedoria e conhecimento escondidos em Cristo (cf. Cl 2, 3): essa sabedoria que se adquire no silêncio da oração, nos momentos de ação de graças depois da comunhão, na contemplação das palavras e da vida de Jesus nos Evangelhos. Os discípulos de Emaús, «na sua misteriosa caminhada com Cristo ressuscitado, viviam um momento de angústia, confusão, desespero, desilusão. No entanto, para lá disso, e apesar de tudo, algo ocorria no mais profundo: "Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?" (Lc 24, 32)»[8].

Precisamos de nos deixar ajudar, e ajudar também os outros, de modo que a nossa vida espiritual não se limite a «seguir em frente». Como nos recordou o Mons. Fernando Ocáriz, «a formação, ao longo de toda a vida, sem negligenciar a sua necessária exigência, tende em larga medida a *abrir horizontes*»[9]. A nossa leitura espiritual, e os textos e recursos que utilizamos para alimentar e enriquecer a nossa fé, devem ser bem escolhidos para nos ajudar a aprofundar na nossa experiência de Deus, abrindo-nos novas perspetivas e falando às necessidades do nosso coração, que serão diferentes consoante as pessoas e os momentos. O Espírito Santo servir-se-á desses esforços, sempre modestos em comparação com os seus dons, para fazer a Sua obra em nós.

Mas detenhamo-nos ainda em outra analogia com o amor humano. Vimos anteriormente que um inimigo de uma relação é que o casal deixe de se ver com regularidade, mas outro perigo também importante é que, apesar de se verem, não falem verdadeiramente: estão presentes com o corpo, mas não com a alma; não abrem o coração e não escutam com real interesse. Em

tal caso, passar tempo juntos pode converter-se num peso; e vice-versa, renunciar a esse tempo pode apresentar-se como uma libertação. Algo parecido pode suceder na vida espiritual se uma pessoa segue um plano somente para cumprir uma obrigação. São Josemaria falava deste tipo de rotina como o «verdadeiro sepulcro da piedade»[10].

Perante este risco, é animador pensar que estamos chamados a «começar e recomeçar» muitas vezes ao longo do caminho[11]. Tal como os casais que continuam a amar-se, depois de tantos anos, podem dizer um ao outro "obrigado" e "desculpa" por muitas pequenas coisas, também nós precisaremos com frequência de retomar um hábito que começámos a descuidar, colocar mais a cabeça e o coração na nossa leitura espiritual, ou redescobrir o valor de algumas orações tradicionais antes ou depois da Missa, se percebemos que nos distraímos facilmente.

Deste modo entende-se porque a fidelidade ao plano de vida não consiste em aspirar a conseguir uma "execução perfeita", como se fossemos solistas num concerto de câmara ou atletas numa competição olímpica de ginástica artística. Trata-se pelo contrário de permanecer no amor de Deus (cf. Jo 15, 9): descobrir e redescobrir, cada vez um pouco mais, o único fundamento sólido sobre o qual podemos construir a nossa vida. E de encontrar nessa rocha firme a alegria e a paz que o nosso coração anseia: «Descansa na filiação divina. Deus é um Pai – o teu Pai! – cheio de ternura, de infinito amor. Chama-lhe Pai muitas vezes e diz-lhe, a sós, que o amas, que o amas muito, muito, que sentes o orgulho e a força de ser seu filho»[12].

NOTAS

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 151.

[2] cf. São Josemaria, *Carta* 2, n. 22, sobre a «crise dos 40 anos»; mais em geral, cf. Romano Guardini, *Las etapas de la vida*, Madrid, Palabra, 2022.

[3] São Josemaria, *Entrevistas a São Josemaria*, n. 88; cf. *Camino, Edición crítico-histórica*, comentário ao n. 832; J. Peña, «*Mística ojalatera y*

realismo en la santidad de la vida ordinaria», *Anuario Filosófico*, 2002 (35), 629-654. N. T.: no original**:** «*mística ojalatera*», que soa também como mística *hojalatera*, dando origem ao duplo sentido de mística do oxalá ou mística do latoeiro (ou seja, de pouco valor).

[4] L. Bloy, Lettre, 25-04-1873, *Lettres de jeunesse*, 1870-1893, Paris, Édouard-Joseph, 1920.

[5] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 118.

[6] *Ibid*., n. 166.

[7] Francisco, Audiência, 21/06/2017.

[8] Francisco, *Dilexit nos*, n. 7.

[9] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 11.

[10] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 150.

[11] cf. São Josemaria, *Caminho*, n. 292; *Forja*, n. 384.

[12] São Josemaria, *Forja*, n. 331.